

Reformador

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA | DEUS, CRISTO E CARIDADE

ANO 121 - Nº 2.090 - MAIO 2003 - R\$ 4,00

Amor de Mãe

Maternidade: Presença de Deus
no coração da mulher



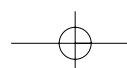
Nesta Edição:
Amor de Mãe
No apostolado feminino
Os fenômenos de quase-morte

ISSN 1413-1749



9 771413 174008

LANÇAMENTOS | ARTIGOS | EVENTOS | MENSAGENS





XI BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO 15 a 25 de maio de 2003

Visite o estande da FEB



Riocentro
Av. Salvador Allende, 6.555
Rio de Janeiro - RJ

Construamos a Paz, Promovendo o Bem!



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Reformador

Revista de Espiritismo Cristão
Ano 121 / Maio, 2003 / Nº 2.090



Fundada em
21 de janeiro de 1883
Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749
Propriedade e orientação da
Federação Espírita Brasileira

Direção e Redação
Av. L-2 Norte - Q. 603 - Conj. F (SCAN)
70830-030 - Brasília (DF)
Tel.: (61) 321-1767; Fax: (61) 322-0523

Home Page: <http://www.febnet.org.br>
E-mail: feb@febrasil.org.br
webmaster@febnet.org.br

Para o Brasil	
Assinatura anual	R\$ 30,00
Número avulso	R\$ 4,00
Para o Exterior	
Assinatura anual	
Simples	US\$ 35,00
Aérea	US\$ 45,00

Diretor - Nestor João Masotti; Diretor-Substituto e Edi-
tor - Altivo Ferreira; Redatores - Antonio Cesar Perri
de Carvalho, Evandro Noleto Bezerra e Lauro de Oli-
veira São Thiago; Secretário - Japonan Albuquerque
da Silva; Gerente - Amaury Alves da Silva; REFOR-
MADOR: Registro de Publicação nº 121.P.209/73
(DCDP do Departamento de Polícia Federal do Mi-
nistério da Justiça), CNPJ 33.644.857/0002-84 -
L.E. 81.600.503.

Departamento Editorial e Gráfico
Rua Souza Valente, 17

20941-040 - Rio de Janeiro (RJ) - Brasil
Tel: (21) 2589-6020; Fax: (21) 2589-6838

Capa: Rogério Nascimento

Tema da Capa: Amor de Mãe, com base no artigo
de igual título e na mensagem No apostolado fem-
inino, como homenagem ao Dia das Mães.

EDITORIAL	4
Herdeiros da Terra	
PRESENÇA DE CHICO XAVIER	9
No apostolado feminino - <i>Agar</i>	
ENTREVISTA: HERNANI GUIMARÃES ANDRADE	17
Doutrina Espírita e Ciência	
ESFLORANDO O EVANGELHO	21
O bem é incansável - <i>Emmanuel</i>	
PÁGINAS DA REVUE SPIRITE	32
Médiuns interesseiros - <i>Allan Kardec</i>	
A honestidade relativa - <i>Georges</i>	33
A FEB E O ESPERANTO	34
Esperanto, língua universal da família humana - <i>Afonso Soares</i>	
SEARA ESPÍRITA	42

Imortalidade - <i>Juvanir Borges de Souza</i>	5
Amor de Mãe - <i>Adolpho Marreiro Júnior</i>	7
Carta a minha mãe - <i>Auta de Souza</i>	8
Amor e comportamento - <i>Joanna de Ângelis</i>	10
Amor materno	11
Salvação - <i>Richard Simonetti</i>	12
O túmulo não interrompe a vida - <i>Ismael Ramos das Neves</i>	13
Rumores de guerra - <i>Suely Caldas Schubert</i>	14
Perante a Ciência - <i>André Luiz</i>	19
Maria Philomena Aluotto Berutto (Desencarnação)	20
Os fenômenos de quase-morte - <i>Sérgio Thiesen</i>	22
O Ser de Luz - <i>Raymond A. Moody Jr.</i>	24
Amar a Deus sobre todas as coisas... - <i>Mauro Paiva Fonseca</i>	25
No aperfeiçoamento próprio - <i>Passos Lírio</i>	26
Espiritismo: verdade mais ampla - <i>Marcus Vinícius Pinto</i>	27
Em busca da cura - <i>Adésio Alves Machado</i>	28
Jornada - <i>Adelino Fontoura</i>	29
Economia pessoal - <i>Gebaldo José de Sousa</i>	30
Penas eternas? - <i>Rildo G. Mouta</i>	31
Retificando...	31
Ajuda, perdoa e passa - <i>Casimiro Cunha</i>	33
O Livro Espírita: algumas considerações (Parte II) - <i>Aécio Pereira Chagas</i>	36
O Livro - <i>Olavo Bilac</i>	39
II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE - II - <i>José Carlos da Silva Silveira</i>	40

Editorial

Herdeiros da Terra

Um dos momentos mais marcantes na história do Mundo foi, indubitavelmente, aquele em que Jesus proferiu o Sermão do Monte, deixando para os homens os ensinamentos das Bem-aventuranças. Sintetizou, naquela oportunidade, com palavras de acentuada poesia e realidade, as Leis Morais que emanam de Deus e que norteiam o comportamento de todos os homens.

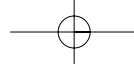
Passados dois mil anos, e a despeito da rejeição inicial a uma doutrina nova, caracterizada pela valorização da prática do amor incondicional como processo libertador de todos os seres humanos – gesto incompatível com os hábitos da época –, os ensinamentos cristãos vão vencendo o tempo e se consolidando junto à Humanidade.

Hoje o homem já sabe valorizar, em suas atividades sociais, o respeito a todas as pessoas – independentemente de sua raça, cor, crença, nacionalidade ou condição social –, o respeito à Natureza, assim como o gesto de humildade, de solidariedade e de fraternidade, até mesmo no atendimento aos seus interesses de ordem profissional, empresarial e governamental.

Nestes dias em que a Humanidade se vê bombardeada constantemente por notícias e imagens de guerra, de violência, de desrespeito ao ser humano, é justo lembrarmos daquele que, além de nos ter ensinado que são “bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus”, deixou-nos um exemplo de perdão, de tolerância, de pleno amor praticado e, também, de imortalidade e de fé, mesmo sofrendo as agressões insensatas dos homens.

Diante da inquietação e da discórdia que pululam ao nosso redor, e sabedores da nossa condição de seres imortais em permanente processo de evolução moral, cabe-nos guardar a serenidade íntima e a confiança na Bondade Divina, contribuindo na pacificação do ambiente em que vivemos, convictos de que, vencida a fase de depuração transitória, e mais amadurecidos, os homens caminharão, gradativamente, na construção de um mundo melhor, sob a inspiração das Leis de Amor, unindo o progresso à paz e praticando a caridade no seu sentido mais elevado.

Construamos a paz promovendo o bem, e aprendamos a ser fortes na mansuetude, atentos à observação de Jesus: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra”.



Imortalidade

Juvanir Borges de Souza

Na passagem de Jesus pela Terra, ao lado de seus ensinamentos verbais registrados pelos evangelistas, alinham-se os exemplos que oferece com sua presença.

Ensino e exemplificação, eis os componentes do processo educacional dirigido pelo Mestre Incomparável a toda a Humanidade.

É o Cristianismo autêntico, sem os acréscimos impostos pelos homens e as interpretações e interesses que interferiram na doutrina original do Cristo.

Ao lado dessa base fundamental constituída pelos conhecimentos e incentivos ao amor, justiça e caridade que se encontram na Mensagem do Mestre, há outros aspectos que escaparam ao entendimento de muitas gerações e que hoje se constituem em lições edificantes, graças à presença do Consolador prometido.

Um desses aspectos, ensinamento sublime, sem palavras, é o de sua volta do Plano Espiritual, após os tristes episódios da crucificação e morte, entendida como tal pelos homens.

O retorno do Mestre e a convivência com os discípulos, por cerca de quarenta dias, apresentando-se com o mesmo corpo marcado pelas chagas, não é por si só, a compro-

vação da imortalidade do Espírito, de tão difícil entendimento ainda hoje, passados dois milênios?

No entanto, ao se apresentar aos amigos e discípulos, suas palavras nada têm de sensacionalismo. Sua presença se faz com naturalidade, sem recriminações, desejando a paz para todos.

Aquela presença encerrava, entretanto, a comprovação da continuidade da Vida, em outra dimensão, fato natural e não sobrenatural ou milagroso, como propõem determinadas religiões.

Lição precisa, sem palavras, aclarava o que antes dissera Jesus sobre a Vida Eterna, de tão difícil entendimento não somente para os que ouviam o Mestre, diretamente, mas ainda hoje, por bilhões de habitantes deste orbe.

Comprovada a continuação da existência além da morte do corpo, por Aquele que é o Guia e Governador Espiritual de todas as Esferas da Terra e provavelmente de outros Mundos, sabia Ele da dificuldade de entendimento que têm os Espíritos sujeitos às reencarnações, nos diversos estágios em que se encontram na Terra.

Daí sua promessa de enviar outro Consolador, com a finalidade de repetir seus ensinamentos, aclará-los nos pontos de mais difícil entendimento e revelar coisas novas compatíveis com os novos tempos e o novo estágio evolutivo de muitos habitantes deste planeta.

Essa a missão do Espiritismo, o Consolador, que não só vai repetindo os ensinamentos do Mestre, como os vai libertando dos acréscimos e interpretações indevidas.

Por isso o Espiritismo não pode separar-se do Cristianismo real, verdadeiro, no qual finca suas raízes, repetindo todos os fundamentos morais, espirituais e educacionais dele advindos.

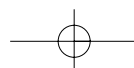
O Espiritismo, como doutrina superior por sua origem, não pode desvincular-se de sua fonte. Ela é o desdobramento atualizado da Doutrina do Cristo. É a continuação das Revelações anteriores com os esclarecimentos necessários e o acréscimo de novos conhecimentos.

Temos a convicção e a esperança de que os espíritas sinceros que discordam do vínculo da Doutrina Espírita com a Doutrina do Cristo, cedo ou tarde, retificarão esse posicionamento, não só pela força dos próprios fundamentos doutrinários que se encontram nas obras da Codificação Espírita, mas também pelo impositivo da realidade.

O trabalho e o esforço sincero visando ao Bem constituem por si um processo lógico de aperfeiçoamento individual, desde que haja sinceridade de propósitos, conjugada à humildade.

Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida, conforme suas próprias palavras.

Nessa síntese admirável, não podemos esquecer nenhum de seus



ensinos, como luz permanente a brilhar sempre, como o Verbo do princípio.

A volta do Mestre ao plano das formas, após os tristes episódios do Gólgota, quando os homens consideravam-no *morto*, é um esclarecimento decisivo sobre a tormentosa questão da morte.

Embora todas as grandes religiões preguem a imortalidade da alma, o homem, religioso ou não, tem enorme dificuldade em aceitar a morte.

Para grande parte da Humanidade ela é a grande preocupação, o grande tormento, pela incerteza do que ocorre após o termo final do corpo que perde a *vida*.

Torna-se necessária a criação de uma nova mentalidade, com fulcro na Verdade e na Vida, com o afastamento do medo do futuro.

A imortalidade da alma, a continuação da Vida, em outra dimensão, tal como evidenciou o Cristo, não só com palavras, mas com a retomada dos contatos com seus irmãos menores e amigos, é uma realidade demonstrada pela Boa Nova há dois milênios, e reafirmada nos dias atuais pelo Consolador.

O terror da morte, que tem atormentado o ser humano em todos os tempos, continua torturando o homem atual, independentemente de sua religiosidade ou completa descrença.

Entretanto, a continuação da Vida da Essência Espiritual, com os valores adquiridos em sucessivas experiências reencarnatórias é uma evidência demonstrada por fatos, por pesquisas sérias, à disposição de quem procura esclarecer-se.

Para nos livrarmos do domínio aterrador de um fato natural, qual

o é a morte do corpo, torna-se indispensável o rompimento com a tradição niilista dos que se guiam pelo materialismo multiforme, que nem mesmo as crenças religiosas conseguem superar.

Não bastam, para tanto, os artifícios intelectuais; as afirmações da Ciência, que nada percebe além da matéria; os juízos das multidões e o convencionalismo que insiste em negar o que já está comprovado.

A Vida está presente em todo o Universo.

Não nos esqueçamos de que Jesus, mesmo não contemplando minúcias em Seus ensinamentos de Vida, deixou-nos a comprovação da imortalidade, que o Consolador por Ele prometido demonstraria com riqueza de detalhes

Os reinos da Natureza que conhecemos são demonstrações de Vida sob as formas vegetais, animais e hominiais.

Em todos os seres, o que denominamos *morte* são transformações naturais, visando à continuação e o aperfeiçoamento da essência espiritual.

Não nos esqueçamos de que Jesus, mesmo não contemplando minúcias em Seus ensinamentos de Vida, deixou-nos a comprovação da imortalidade, que o Consolador por Ele prometido demonstraria com riqueza de detalhes.

O Cristo e o Consolador libertaram-nos do jugo do medo, da dúvida e da morte, bastando que atenemos em seus ensinamentos e exemplos.

Em meio a escuridão em que se encontra a maior parcela da Humanidade, inclusive no tocante à imortalidade, é impossível encontrar o caminho certo, que nos liberta do medo e da ignorância, sem a Verdade representada pela Mensagem do Cristo, revivida pela Doutrina Espírita – o Consolador.

E essa Verdade, que nos reconforta e esclarece, não deve ser guardada só para nós.

Compete-nos divulgá-la, espalhá-la, propagá-la, difundi-la tanto quanto possível, como ajuda aos nossos semelhantes.

Essa é uma forma de cooperação fraterna com nossos companheiros de jornada, como meio de difundir a iluminação de que tanto necessita o mundo em que vivemos.

É também a solidariedade em ação.

Assim como fomos beneficiados pelo Cristo e seus mensageiros, espalhem os ensinamentos recebidos às criaturas necessitadas que estão à espera de uma oportunidade de aprendizagem sobre a vida imortal. ■

Amor de Mãe

Adolpho Marreiro Júnior

Segundo sabemos, o Dia das Mães nasceu nos Estados Unidos, em 1908, no Estado da Virgínia, por inspiração e iniciativa da senhorita Ana Jarvis. Oficializou-se no Brasil em 1932.

Feliz idéia de *Miss* Jarvis! Justa homenagem à “Rainha do Lar”, não obstante os homens haverem tisonado a pureza do evento, com sua proverbial voracidade mercantilista.

O amor de mãe é uma das muitas manifestações divinas que excedem ao entendimento humano. Aliás, que seria da Humanidade e de sua perpetuação no Planeta, se não fora o sustentáculo desse amor? Talvez, porcentagem esmagadora daqueles que descem à carne não sobreviveria se Deus, em Sua Infinita Sapiência e Bondade, não colocasse esse “anjo guardião” para nos amparar nos primeiros anos de nossa infância, frágil e indefesa!

Vale considerar que existem muitas mães que não expressam essas características de anjo tutelar, mas isso é exceção da regra, constituindo a minoria.

O amor maternal está no rol dos grandes mistérios divinos que desafiam explicações nascidas de malabarismos intelectuais. Aliás, nenhuma das ciências humanas poderá explicar, satisfatoriamente, essa manifestação a que denomi-

namos Amor. Talvez seja porque os recursos de nossa mente não ultrapassam o plano das relatividades, enquanto o amor deve ser algo que nos alcança, vindo de uma dimensão mais alta, do absoluto, fora do armazém de informações a que chamamos mente. É aquele algo sentido e não explicado. É o sentir independente do saber.



Quis o Senhor, em Sua Infinita Sabedoria e Bondade (se assim nos permitem conjeturar), que toda a Sua criação estivesse amparada e garantida pelo desvelo maternal, em todos os segmentos da vida. Temos, pois, no amor de mãe, a garantia da sobrevivência de todas as espécies de vida animal que evoluem na Terra. Amor de mãe – Oh mistério de Deus! Quem poderá explicar, satisfatoriamente, por que a ave chororó morre tentando, inutilmente, apagar com o bater de asas o fogo da queimada que vai re-

duzir a cinzas seus filhotes no ninho? Por que a galinha investe, em luta desigual, contra o predador que vem devorar seus pintinhos? Por que animais temíveis como a pantera, a leoa, a loba e muitos outros trocam seus violentos instintos carnívoros por atitudes de extrema ternura para com a prole?

A diferença é que a proteção, o alimento, o agasalho e o carinho materno nos animais não ultrapassam o tempo apenas necessário a que seus filhotes aprendam a se cuidar, enquanto nos humanos, o amor materno é aquela eterna bênção divina, agasalhando os filhos por toda a vida terrena, com seqüência na Pátria Espiritual.

A literatura espírita é pródiga em exemplos de continuidade do amor materno no Mundo Espiritual. Dentre muitos casos, citamos apenas um contido no livro *Liber-tação*, de André Luiz: (ed. FEB): Matilde é o nome da mãe sublimada. Residindo em altas esferas espirituais, jamais se despreocupou do filho, o temível sacerdote Gregório, líder de poderosas organizações criminosas nos planos espirituais inferiores. Separada desse filho amado há alguns séculos, conseguiu, graças à força de seu divino amor, recuperá-lo para as hostes do Cordeiro, com orações constantes e a colaboração de muitos Espíritos amigos.

Neste mundo expiatório, onde o crime, o vício e as degradações proliferam infrenes, o amor maternal aí está para minimizar os sofri-

mentos, servindo, consolando, fortalecendo, aconselhando e, não raro, consumindo-se até o último alento, em benefício de filhos que optaram por caminhos tortuosos. Graças às condições de atraso moral de nosso mundo, o número de lares onde as mães podem desfrutar as venturas de conviver com filhos equilibrados, carinhosos e reconhecidos ainda é bem menor do que o número de lares onde imperam a indiferença, o egoísmo, a impiedade e a ingratidão para com os desvelos maternos.

Quantas mães, justo no dia em que são homenageadas, estarão visitando os filhos que cumprem penas nos presídios? Quantas convivem, heroicamente, com o infortúnio de cuidar de filhos deficientes pelo resto de suas vidas? Quantas outras, no Dia das Mães, despedaçam seus corações, com saudades das filhas queridas, agora residindo em antros de prostituição? Não se pode esquecer também das mães viúvas, por vezes sustentáculos de famílias numerosas, trabalhando horas excessivas até à exaustão, para que não falte o dinheiro do aluguel, o alimento, os estudos dos filhos, etc.

Não são raros os casos de mães que, lutando sozinhas, conseguiram formação superior para filhos que, pouco tempo depois de receberem seus diplomas, perderam suas heróicas benfeitoras, exauridas pelos esforços constantes. A vida dessas heroínas é semelhante à da árvore generosa, sempre renovando a safra de frutos para servir à família.

Todos temos muitos amores em nossas vidas: amamos o torrão onde nascemos; amamos nossos animais domésticos, nossos amigos e, de certo modo, até os nossos inimi-

gos, evitando revides e vinganças. Mas, tudo isso não passa de amores menores, em cujo exercício dificilmente chegamos aos exemplos sublimados da renúncia da própria vida, qual ocorre com o amor de mãe, exceção feita, repetimos, às que escapam a esse comportamento.

Sem exagero, podemos afirmar que, abaixo do Amor de Deus e do Amor Universalista pregado e exemplificado por Jesus, o amor de mãe pode ocupar o terceiro lugar: Amor de Deus, Amor de Jesus e Amor de mãe.

Dia virá em que esse amor deixará de estar confinado ao núcleo familiar, tornando-se prática comum e espontânea entre todos os homens. Nesse porvir, a Terra será um mundo venturoso! Jesus, do alto da cruz, profetizou esses tempos felizes, olhando para João e reco-

mendando a Maria – “Mulher! Eis aí teu filho”, isto é, veja em cada homem um filho amado. Depois, dirigindo-se a João – “Eis aí tua mãe”, como a lhe dizer: – Veja em cada mulher uma progenitora querida.

As mensagens que os Espíritos nos enviam homenageando as mães quase sempre enfocam os dramas pungentes daquelas que tiveram suas vidas repletas de sacrifícios e consumidas pelas ingratidões dos filhos. Tais poemas nos levam às centenas de milhares de mães que habitam localidades misérrimas, que proliferam nos países do chamado Terceiro Mundo.

No Dia das Mães, para homenagear as rainhas de todos os lares, principalmente as heroínas crucificadas pela indiferença dos filhos, escrevemos este artigo. ■

Carta a minha mãe

Quis visitar-te o anônimo jazigo
Em que a humildade em paz se nos revela,
Contemplo a cruz, antiga sentinela
Erguida ao lado de um cipreste amigo.

Busco a memória e vejo-te comigo;
Estamos sob o verde da aquarela,
Teu sorriso na túnica singela
É luz brilhando neste doce abrigo.

Recordo o ouro, Mãe, que não quiseste,
Subindo para os sóis do Lar Celeste
Para ensinar as trilhas da ascensão.

Venho falar-te, em prece enternecida
Do amor imenso que me deste à vida,
Nas saudades sem fim do coração.

Auta de Souza

Fonte: *CHICO XAVIER – Mandato de Amor*, 4. ed., Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1997, p. 169.

PRESENÇA DE CHICO XAVIER

No apostolado feminino

O apostolado das Mães é o serviço silencioso com o Céu, em que apenas a Sabedoria Divina pode ajuizar com exatidão.

Ser mãe é ser anjo na carne, heroína desconhecida, oculta à multidão, mas identificada pelas mãos de Deus.

Ele conhece o holocausto das mães sofredoras e desoladas e sustenta-lhes o ânimo através de processos maravilhosos de sua sabedoria infinita, assim como alimenta a seiva recôndita das árvores benfeitoras.

Um instituto doméstico, em muitos casos, é cadinho purificador.

Aí dentro, as opiniões fervilham na contenda inútil das palavras, sem edificações úteis; velhos ódios surgem à tona das discussões e sentimentos, que deveriam permanecer esquecidos para sempre, aparecem à superfície das situações, embora muitas vezes imanifestos nos entendimentos verbais.

O que nos interessa, porém, é a nossa redenção.

O sacrifício é a nossa abençoada oportunidade de iluminação.

Sabemos, no entanto, que para o carinho maternal, o combate é intraduzível.

Na batalha sem sangue no coração.

No espinheiro ignorado.

Na dor que os olhos não visitam.

O devotamento feminino será sempre o manancial do conforto e da bênção.

Quando se interrompe o curso dessa fonte divina, ainda mesmo temporariamente, a vida do lar sofre ameaças cruéis.

As experiências no sexo masculino conferem à alma um senso maior de liberdade ante os patrimônios da vida, e o homem sente maior dificuldade para apreciar as questões do sentimento como convém.

O lar
terreno é a
antecâmara
do Lar Divino

Para os que se confundem na enganosa claridade dos dias terrenos, a existência carnal é somente recurso a incentivar paixões e alegrias mentirosas, todavia, para quantos fixem o problema da eternidade, com a crença renovadora no altar do espírito, a romagem planetária é divino aprendizado para a redenção. O lar terreno é a antecâmara do Lar Divino, quando lhe aproveitamos as bênçãos do trabalho santificante, porque, na realidade,

de, se o martelo e o buril são os elementos que aprimoram a pedra, a dor e o serviço são as forças que nos aperfeiçoam a alma.

Trabalhar e sofrer são talvez os maiores bens que nossa alma pode recolher nos pedregulhos da Terra.

Toda dor é renascimento, toda renúncia é elevação e toda morte é ressurreição na verdade.

O Tesouro Divino não se empobrece e, para Deus, os filhos mais ricos são aqueles que canalizaram os recursos do serviço a bem de todos, sem cristalizarem a fortuna amoe-dada nos cofres de ferro, que, às vezes, cedo se convertem nos fantasmas de angústia além do sepulcro.

Aqui, entendemos, com clareza mais ampla, o caminho da eternidade.

Mais vale semear rosas entre espinhos para a colheita do futuro, que nos inebriarmos no presente, com as rosas efêmeras dos enganos terrestres, preparando a seara de espinhos na direção do porvir.

Não percamos o dia para que o tempo não nos desconheça.

A dificuldade é nossa bênção.

Amemos, trabalhando nas sombras de hoje, a fim de que possamos penetrar em companhia do Amor, na divina luz do Amanhã.

Agar

Fonte: Francisco Cândido Xavier, *Mãe – Antologia Mediúnica*. 2. ed. Matão (SP): Casa Editora O Clarim, 1971, p. 32-34. ■

Amor e comportamento

O treinamento do amor na conduta torna-se indispensável para que se desenvolva e alcance níveis elevados de emoção.

O amor não surge concluído, em condições de esparzir suas vibrações em clima de plenitude. É resultado de esforço e conquista de que paulatinamente se enriquece, conseguindo estabelecer fronteiras nas paisagens íntimas do ser humano. É uma força irresistível que necessita ser bem canalizada a fim de produzir os resultados opimos a que se propõe.

Por isso, ninguém pode esperar que surja poderoso, de inopino, arrebataando, ao mesmo tempo felicitando.

Quando assim ocorre, trata-se de impulso inicial da sua manifestação, ainda arraigada aos desejos e aspirações pessoais, que anelam pela permuta de interesses imediatistas, longe do significado real que o deve caracterizar.

É um empreendimento emocional-espiritual muito específico, que exige o combustível da ternura e da afabilidade, para poder compreender e desculpar toda vez quando convidado a envolver as pessoas com as quais se convive.

À medida que se instala no homem e na mulher, altera-lhes o comportamento para melhor, dul-

cificando-lhes a existência mesmo quando se encontram sob os martelos dos sofrimentos e das dificuldades. Suaviza a aspereza da jornada e contribui em favor da alegria que deve ser preservada, mesmo que a peso de sacrifícios.

O amor não se deixa impressionar pela aparência física ou pelos atributos pessoais de outrem, embora, de alguma forma, possam contribuir em favor dos primeiros passos, como o fascínio, a aproximação, o intercâmbio afetivo, definindo-se depois pela própria qualidade de que se reveste.

Desdobra-se na convivência ou não com as pessoas que lhe recebem o alento, jamais diminuindo de intensidade por multiplicar-se largamente em todas direções.

Pode-se amar a um número incontável de pessoas, com qualidade especial em relação a cada uma, sem que haja predominância de alguém em detrimento das demais. A sua chama nunca se apaga, porque não se consome, antes auto-sustenta-se com o combustível da alegria em que se expressa.

Nos relacionamentos agressivos e imprevistos da sociedade hodierna, como de outros passados tempos, não se influencia negativamente, corrompendo-se ou diluindo os vínculos, porque nada exige, possuindo a capacidade de compreender as dificuldades que sempre surgem, revigorando-se à medida que se doa.

...

O amor é otimista e sempre atuante, contribuindo eficazmente para o comportamento ditoso daquele que o cultiva.

Jamais agredindo, estimula os neurônios cerebrais à produção de moléculas propiciatórias à saúde e ao bem-estar, por evitar que os mesmos sejam bombardeados por toxinas procedentes do sentimento da amargura, do ressentimento, da revolta, do ódio...

Envolvente, é suave como um amanhecer e poderoso como a força ciclópica da própria vida.

Não se desnatura, quando não recebido conforme é do seu merecimento, nem se rebela, porque desdenhado. Mantém-se paciente e tolerante, por entender que o outro, aquele a quem se dirige, encontra-se doente, destituído de sensibilidade para recebê-lo.

A vigência do amor é o recurso mais hábil para uma real mudança de conduta da sociedade, que passaria a viver de maneira mais consentânea com as conquistas da Ciência e da Tecnologia, utilizando-se desse extraordinário contributo da evolução para tornar a existência terrestre muito mais feliz e menos preocupada.

Na raiz da crueldade e do crime encontramos o amor ausente naquele que se deixa arrastar pela loucura, que o não recebeu e não foi impregnado pela sua vitalidade prazenteira. Pelo contrário, acumulou resíduos de ira, de maus-tratos, de indiferença e de perseguição, que

se encarregaram de asfixiar quaisquer possibilidades de vivência da compaixão e da misericórdia, que são filhas diletas do amor.

Complexos de culpa e de inferioridade, rebeldia sistemática, amargura continuada, distímia contumaz são os frutos espúrios de uma existência sem amor, que se desenvolveu longe da esperança e da compreensão.

Esse coração sempre esteve fechado à irradiação do sol do amor, que não conseguiu penetrar-lhe a intimidade, alterando-lhe a pulsação emocional.

É necessário que se abram os sentimentos à sua presença, de forma que qualquer lampejo produza claridade interior, estimulando ao aumento de luminosidade.

Exercitando-se a vivência das suas vibrações, aumenta-se a capacidade de senti-lo e expressá-lo nas mais diversas situações.

Ao mesmo tempo, especial bem-estar domina o comportamento, proporcionando emoções enobrecidas e aspirações elevadas que objetivam a harmonia geral.

Quando alguém ama o mundo começa a transformar-se. Basta que esse sentimento seja direcionado, indiscriminado ou especificamente, em favor de alguém e logo ocorre uma real mudança na psicosfera do indivíduo, que se irradia em todas as direções, modificando a estrutura perturbadora e desconfiada que por acaso exista a sua volta.

Conforme o Sol é sempre novo em cada amanhecer e sua luminosidade enriquece de luz e calor a Terra, o amor esplende de beleza e de vitalidade em cada momento em que se expande. Se houver noite moral, ele se torna claridade fraternal, se permanece a suspeita, ele oferta segurança, se campeia o desencanto, ele faculta a confiança,

porquanto a todos aquece com o vigor da bondade e da paz.

...

Dizem os escritos evangélicos que *Deus amou tanto ao mundo e à Humanidade, que ofereceu o Seu Filho, a fim de que crendo nEle todos encontrassem paz e felicidade.* Também se pode dizer que O amando, todos desfrutarão de equilíbrio e ventura.

O amor é essencial para o comportamento equilibrado e propiciador do progresso moral, tecnológico, social e espiritual da sociedade. Começando em um indivíduo, termina por envolver todas criaturas.

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, na noite de 25 de setembro de 2002, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.) ■

Amor materno

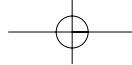
– *Será uma virtude o amor materno, ou um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais?*

“Uma e outra coisa. A Natureza deu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles. No animal, porém, esse amor se limita às necessidades materiais; cessa quando desnecessários se tornam os cuidados. No homem, persiste pela vida inteira e comporta um devotamento e uma abnegação que são virtudes. Sobrevive mesmo à morte e acompanha o filho até no além-túmulo. Bem vedes que há nele coisa diversa do que há no amor do animal.”

– *Estando em a Natureza o amor materno, como é que há mães que odeiam os filhos e, não raro, desde a infância destes?*

“Às vezes, é uma prova que o Espírito do filho escolheu, ou uma expiação, se aconteceu ter sido mau pai, ou mãe perversa, ou mau filho, noutra existência. Em todos os casos, a mãe má não pode deixar de ser animada por um mau Espírito que procura criar embaraços ao filho, a fim de que sucumba na prova que buscou. Mas, essa violação das leis da Natureza não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos de que haja triunfado.”

Fonte: KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, Rio de Janeiro: FEB, 2001, questões 890 e 891, p. 410. ■



Salvação

Richard Simonetti

Num célebre discurso pronunciado nas reuniões em Lyon e Bordeaux, na França, entre 1860 e 1862, há afirmativas basilares de Allan Kardec:

O Espiritismo tem por divisa: “Fora da Caridade Não há Salvação”, o que equivale dizer que fora da caridade não pode existir verdadeiro espírito.

Solicito-vos inscrever, daqui para frente, esta divisa em vossas bandeiras, pois ela resume ao mesmo tempo a finalidade do Espiritismo e o dever que ele impõe.

Obviamente, o Codificador não se reportava ao sentido escatológico do termo – estarmos salvos “do outro lado”, fazendo por merecer as celestes benesses.

A Doutrina Espírita é bastante clara ao informar que ninguém, em momento algum, está perdido.

Somos filhos de Deus, monitorados em tempo integral nas andanças pelos caminhos da Vida.

Há muitos trãnsfugas das leis divinas.

Os que trazem a consciência torturada, em face de seus envoltórios com o mal...

Os que se comprometem no vício e na rebeldia...

Os indigentes espirituais, que atravessam desertos áridos de afetividade e paz, por não usarem a bússola do Bem...

Os criminosos que cometem atrocidades...

Nem por isso estão isolados na obra da Criação.

Uma só alma que se perdesse e Deus teria falhado em seus objetivos!

Por mais longe nos levem nossos desatinos, ainda assim permaneceremos nos domínios divinos, regidos por leis soberanas que disciplinam nossas emoções e renovam nossas idéias, conduzindo-nos ao futuro de bênçãos.

Portanto, o termo *salvação*, na máxima kardequiana, deve ser entendido em sua dimensão existencial.

Jamais haverá *salvação*, no sentido de melhoria de vida para a população terrestre, livrando-nos de seus males, enquanto não construirmos uma sociedade solidária, em que *sejamos um por todos e todos por um*.

Isso implica estarmos dispostos ao sacrifício de nossos interesses pessoais em favor do bem comum, a partir do empenho de servir, que é a caridade em ação.

Obviamente não estamos diante de uma realização imediata.

Séculos se passarão até que a vocação de servir seja comum a to-

dos os homens, exercitada com naturalidade, como o andar e o falar.

Mas, se o Mundo não pode ser mudado de pronto, o conhecimento espírita impõe que comecemos por mudar a nós mesmos, lutando contra os impulsos egoísticos e contribuindo por melhorar as condições de vida, onde estivermos.

O exemplo é poderoso.

Favorece uma corrente “pra frente”, de pessoas interessadas em se salvarem da inércia, do comodismo, da indiferença, da omissão, para não serem vitimadas por perturbações e desajustes.

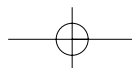
Terapeutas que cuidam de pacientes às voltas com distúrbios emocionais e físicos indicam, hoje, como principal remédio, o empenho por fazer algo em favor do próximo.

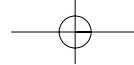
Estão chegando onde Kardec colocou a Doutrina Espírita desde o início.

É cogitar do Bem, não dando espaço para o mal, afugentando os “macaquinhos do sótão”, os pensamentos negativos que perturbam nossa mente.

Sugiro, leitor amigo, se você está interessado em “salvar-se”, que eleja como “base de operações” o Centro Espírita, assumindo compromissos de frequência e participação.

O motivo dessa opção é simples:





No estágio de evolução em que nos encontramos, é difícil seguir, sem desvios, pelos caminhos da solidariedade.

Facilmente negligenciamos compromissos de uma contribuição mensal em favor de obras assistenciais, de visita regular a enfermos, de convivência pacífica com os familiares, de atendimento perseverante a famílias carentes.

É que essa maneira de ser não constitui, por enquanto, uma segunda natureza, um comportamento espontâneo.

Exige empenho por contrariar tendências ao acomodamento, que sempre sugerem a deserção aos compromissos.

É o apelo insidioso de nossa própria inferioridade:

– Esqueça os outros! Cuide de si mesmo!

Participando de um Centro Espírita, empenhados nos estudos, nas reuniões mediúnicas, nos serviços assistenciais, temos renovados estímulos, envolvendo a própria Doutrina e os companheiros, no sentido de manter fidelidade aos compromissos assumidos.

Daí a importância de nossa integração nessa colméia de bênçãos que é a casa espírita.

Há muitos serviços a instituir, há muito trabalho a desenvolver.

O Centro Espírita tem um potencial imenso em favor de uma sociedade mais esclarecida e participativa.

Isso, na medida em que nos disponhamos a arregaçar as mangas, conscientes de algo fundamental:

Nossa “salvação” começa quando nos dispomos a salvar nossos irmãos do infortúnio. ■

O túmulo não interrompe a vida

Ismael Ramos das Neves

O túmulo não interrompe a vida, ao contrário, amplia ao Espírito recém-liberto da matéria sua visão acerca da vida.

Séculos atrás, os cientistas e pesquisadores, ao investigarem a estrutura da matéria, acreditavam que a vida se restringia aos seres orgânicos, por desconhecerem que além das fronteiras do mundo físico existia o domínio da vida em plenitude de poder, sob o comando de Deus, Nosso Pai e Autor da Criação.

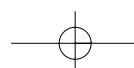
À medida que os pesquisadores e cientistas foram percebendo a presença de forças imponderáveis influenciando os mecanismos da vida humana e identificando que os valores da consciência, ainda impercrutáveis à investigação científica, determinavam a conduta dos homens, muitos estudiosos da Ciência foram levados a reconhecer que seres invisíveis influenciam o pensamento e os modos de ser da criatura humana. A Psiquiatria, a Psicanálise, a Neurologia e a Psicologia, principalmente, ao analisarem certos meandros da esquizofrenia, da psicose, da depressão espiritual, da neurastenia e de outros casos dos processos mórbidos do comportamento humano, são levados à conclusão de que forças intangíveis determinam mecanismo profundo do pensamento, e nele interferem, o que nos permite reco-

nhecer que os ensinamentos de Allan Kardec inseridos em *O Livro dos Médiuns* e em outros compêndios da Codificação da Doutrina Espírita, quando abordam os casos de obsessão, em todas as suas formas de manifestação, merecem ser estudados e pesquisados profundamente, por todos aqueles que se propõem a contribuir para a saúde mental das criaturas humanas.

É por isso que afirmamos que a morte não existe. Os entes queridos, que partiram, entregaram à terra o corpo cadaverizado, mas eles, Espíritos eternos, continuam vivendo em outras dimensões da vida triunfante. Além da Terra, por outro lado, a própria Ciência, em suas investigações interplanetárias, encontra indícios de manifestação da vida nos orbes que povoam a incomensurabilidade do espaço cósmico.

Tudo vive no Universo! Desde o microcosmo, com suas minudências, algumas vezes identificáveis, até a Glória das Galáxias e constelações que emolduram beleza indescritível de firmamento das noites consteladas de luz. É a manifestação inequívoca da vida.

Dessa forma, transformemos as lágrimas e a saudade pela ausência dos corações queridos, que partiram, na certeza de que “o túmulo não separa aqueles que se amam”, e que a fé como chama viva que aquece os nossos corações, nos propicie a coragem para nos reunirmos todos numa prece de gratidão ao Altíssimo por nos ter concedida a bênção da vida. ■



Rumores de guerra

Suely Caldas Schubert

“E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim.

Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes e terremotos, em vários lugares.”

Jesus (Mateus, 24: 6-7).

Jesus, no sermão profético, fala do princípio das dores que irão assolar a Humanidade.

Guerras e sofrimentos sempre existiram ao longo dos milênios terrestres. Sabemos, contudo, que o Mestre fala de um momento especial, de uma situação jamais vista em nosso planeta.

E nós nos perguntamos: será este momento que estamos vivendo o prenúncio de dores maiores? Olhando o panorama global constatamos sinais bastante significativos de que algo diferente está ocorrendo com as criaturas humanas. Nos últimos tempos, grandes tragédias coletivas ou em âmbito menor têm chocado a opinião pública, ao mesmo tempo em que acontecem crimes hediondos que ultrapassam tudo o que nossa imaginação consiga conceber. Sofremos impactos quase diários com essas ocorrências que a mídia divulga com o estardalhaço costumeiro e, mesmo sem

querer, tornamo-nos cientes de tais atrocidades.

As paixões humanas parecem estar exacerbadas, as drogas e vícios de todo tipo encontram as criaturas desprevenidas e enfraquecidas, deseducadas e baldas de valores morais e espirituais, oferecendo campo aberto e fértil aos distúrbios comportamentais e aos processos obsessivos. Novos credos religiosos surgem aqui e ali, proliferando os “shows” da fé como os próprios líderes os denominam, sem que haja um aprofundamento maior nos preceitos da mensagem cristã que dizem abraçar e que possibilite uma renovação moral consciente e em plenitude. Por outro lado, todos os dias temos notícias de corrupção, de desvios de verbas de milhões e milhões de reais por ditas “autoridades” ou por espertalhões que a impunidade alberga, desconhece ou premia. E enquanto isso, a miséria prossegue fazendo as suas milhares de vítimas diariamente.

São as “guerras” do cotidiano a expressarem aquelas existentes no mundo íntimo de cada um.

Destas decorrem as guerras entre as nações.

A história da Humanidade é uma história de guerras. A paz é uma aspiração, uma esperança, uma necessidade. Mas é também uma conquista que muitos pensam conseguir com as armas. A paz amada é, para estes, armada. E assim fomos escrevendo o livro da vida, a nossa, particular, e a do Planeta.

Mas o ser humano tem extrapolado em sua ambição e egoísmo. A guerra atinge requintes inimagináveis.

Nosso Lar, o notável livro de André Luiz, *best-seller* entre as dez melhores obras espíritas do século XX, psicografado pelo nosso inescutível Chico Xavier, apresenta no capítulo 24, intitulado “O impressionante apelo”, a repercussão da Segunda Guerra Mundial no plano espiritual.

André está em companhia de Lísias quando este liga um aparelho receptor para ouvir as notícias veiculadas pela emissora do Posto Dois, de Moradia, “velha colônia de serviços ligada às zonas inferiores”. Vejamos alguns trechos:

“ (...) Continuamos a irradiar o apelo da colônia, em benefício da paz na Terra. Concitamos os colaboradores de bom ânimo a congregar energias no serviço de preservação do equilíbrio moral nas esferas do globo. Ajudai-nos, quantos puderem ceder algumas horas de cooperação nas zonas de trabalho que ligam as forças obscuras do Umbral à mente humana. Negras falanges da ignorância, depois de espalharem os fochos incendiários da guerra na Ásia, cercam as nações européias, impulsionando-as a novos crimes. (...) Nevoeiros pesados amontoam-se ao longo dos céus da Europa. Forças tenebrosas do Umbral penetram em todas as direções, respondendo ao apelo das tendências mesquinhas do homem.”

Era o mês de agosto de 1939, conforme esclarece Lísias, ante a surpresa de André Luiz, que desconhecia a angustiada situação mundial. Em seguida, outros apelos foram ouvidos por ambos e a certa altura o locutor conclama:

“A humanidade encarnada é igualmente nossa família. Unamo-nos numa só vibração. Contra o assédio das trevas, acendamos a luz; contra a guerra do mal, movimentemos a resistência do bem. Rios de sangue e lágrimas ameaçam os campos das comunidades européias.”

Desligando o aparelho Lísias prenuncia:

“– (...) Tudo inútil, porém (...), a humanidade terrestre pagará, em dias próximos, terríveis tributos de sofrimento.” E esclarece, ante a emoção de André, que a Humanidade, como personalidade coletiva, “(...) está nas condições do homem insaciável que devorou excesso de substâncias no banquete comum. A crise orgânica é inevitável. Nutriram-se várias nações de orgulho criminoso, vaidade e egoísmo feroz. Experimentam, agora, a necessidade de expelir os venenos letais.”

Em 1945 explodiram as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, ampliando os rios de sangue e lágrimas que Lísias havia previsto. Note-se que *Nosso Lar* foi lançado no ano de 1944.

A esse respeito, é bom ressaltar que Einstein foi acusado por algumas pessoas de ser o culpado pela fabricação das bombas, por ter descoberto a relação entre massa e energia, mas, como diz o físico Stephen Hawking, no livro *O Universo numa casca de noz*, “isso é como culpar Newton pelas quedas de

aviões, por ter descoberto a gravidade. O próprio Einstein não participou do projeto Manhattan¹ e ficou horrorizado com a queda da bomba”.

O sermão profético de Jesus prossegue:

“Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se aborrecerão.

E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos.

E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará.

Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.” (Mateus, 24:10-13.)

Na guerra predomina

a *sombra coletiva*

evidenciando de

forma explícita

a *ambição e o orgulho,*

o *egoísmo e a paixão*

pele *domínio*

Às vezes vemos pessoas exigindo a pena de morte, argumentando ser a única solução para os males deste mundo, para os criminosos, seqüestradores, estupradores, enfim, para retirá-los definitivamente da sociedade. E de quebra vêm os fa-

¹ Projeto Manhattan – Programa americano de pesquisa nuclear, que culminou com a fabricação da bomba atômica.

voráveis ao aborto e à eutanásia – também estes, pena de morte – pleiteando que esses crimes sejam legalizados.

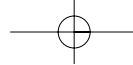
São rumores de guerras. Quando o amor se ausenta, a dor se instala, como alerta Joanna de Ângelis.

Na guerra predomina a *sombra coletiva* evidenciando de forma explícita a ambição e o orgulho, o egoísmo e a paixão pelo domínio.

Acerca desse tema *sombra* encontramos no livro *Jesus e o Evangelho à luz da Psicologia Profunda*, de Joanna de Ângelis, preciosos ensinamentos, os quais recomendamos ao amigo leitor.

Ao expor o pensamento de Jung a respeito do complexo da sombra existente na personalidade humana, Anthony Stevens afirma que o ser humano tende a negar a sua existência, de modo inconsciente, numa atitude de preservação do próprio ego.

“Desse modo – esclarece – nós acabamos negando a nossa própria ‘maldade’ e a projetamos nos nossos semelhantes, a quem acusamos como responsáveis pela mesma. Esta atitude de esperteza inconsciente explica a prática antiga de arranjar um ‘bode expiatório’: ela põe em destaque todos os tipos de preconceitos contra as pessoas que pertencem aos grupos que não se identificam com o nosso grupo e entra na formação da desculpa para todos os massacres, ataques organizados a minorias étnicas e toda espécie de guerras. Através da projeção da sombra, nós conseguimos transformar nossos inimigos em ‘demônios’ e convencer-nos de que eles não são homens e mulheres ‘iguais a nós’, e sim monstros indignos de qualquer consideração humana. Os líderes na-



cionais podem fazer uso inescrupuloso desta tendência, a fim de alcançar os seus próprios objetivos políticos. Os discursos de Adolf Hitler, por exemplo, recorriam com frequência ao tema dos subumanos, com o qual ele se referia aos povos de origem judaica e eslava, declarando que havia uma só coisa a fazer com esses ‘parasitas’, a saber, exterminá-los. Mediante o uso habilidoso da máquina da propaganda nazista, ele conseguiu induzir uma parte considerável da população alemã a projetar coletivamente a sua sombra sobre esses dois povos tragicamente desafortunados. O que torna esse tipo de propaganda tão devastador em suas conseqüências psicológicas é o fato de que ela consegue ativar o **arquétipo do mal**, que em seguida, pode ser projetado sobre o ‘inimigo’, além da própria sombra pessoal. Esta dupla projeção funciona então como justificativa para o extermínio que, a partir daí, é inevitável.”² (Destaquei.)

Ao analisarmos a atual situação mundial podemos identificar a sombra coletiva sendo ativada tanto de um lado quanto de outro entre as nações em litígio.

Jesus fala sobre a grande tribulação:

“Quando pois virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, atenda (v.15);

Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes (v. 16);

E quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa (v. 17);

E quem estiver no campo não

²Stevens, Anthony. *Jung: Vida e Pensamento* – Trad. Atílio Brunetta – Vozes – 1993.

volte atrás a buscar os seus vestidos (v. 18);

Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tão pouco há de haver (v. 21);

Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor (v. 42);

Sabemos que Jesus ao se referir à Judéia está falando da “região espiritual”, isto é, do estado mental e vibratório daqueles que cultivam ideais nobres e edificantes e que se esforçam para vivenciar os ensinamentos do Mestre. A mesma interpretação cabe para a referência àqueles que estiverem “sobre os telhados” e no “campo” de trabalho construtivo. Jesus adverte que ninguém *desça ou volte*, preocupado com as coisas materiais.

Allan Kardec insere em *O Livro dos Espíritos*, na terceira parte, “Das Leis Morais – Da Lei de Destruição”, algumas perguntas acerca do tema **guerras** e os Benfeitores Espirituais explicam que o que impele o homem à guerra é a **predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e transbordamento das paixões**.

Ninguém ignora, no meio espírita, que estamos diante de instantes decisivos para a Humanidade, que deverá passar por imprescindível transformação que a qualificaria para o estágio de “regeneração”, consoante a afirmativa de Jesus de que “os brandos, os pacíficos herdariam a Terra”. Os testemunhos virão, melhor dizendo, já estão acontecendo e cada vez mais porão à prova a nossa fé, a nossa confiança, coragem e perseverança. Tenhamos sempre presente e fortalecida a nossa fé, pois sabemos que o Cristo

está no leme e Ele é o sublime timoneiro dessa imensa nave que é o nosso planeta. A humanidade terrestre integra a família universal e o Criador a tudo provê em Sua infinita Misericórdia e Amor.

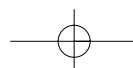
Emmanuel, em memorável página, ensina que no sermão profético Jesus se refere “aos instantes dolorosos que assinalariam a renovação planetária”.

Vejam um trecho dessa mensagem, intitulada “Para os Montes”, extraída do livro *Caminho, Verdade e Vida*, psicografado por Francisco Cândido Xavier (ed. FEB) e que é impressionantemente atual:

“E a atualidade da Terra é dos mais fortes quadros nesse gênero. Em todos os recantos, estabelecem-se lutas e ruínas. Venenos mortíferos são inoculados pela política inconsciente nas massas populares. A baixada está repleta de nevoeiros tremendos. Os lugares santos permanecem cheios de trevas abomináveis. Alguns homens caminham ao sinistro clarão de incêndios. Aduba-se o chão com sangue e lágrimas, para a sementeira do porvir.

É chegado o instante de se retirarem os que permanecem na Judéia para os ‘montes’ das idéias superiores. É indispensável manter-se o discípulo do bem nas alturas espirituais, sem abandonar a cooperação elevada que o Senhor exemplificou na Terra; que aí consolide a sua posição de colaborador fiel, invencível na paz e na esperança, convicto de que, após a passagem dos homens da perturbação, portadores de destroços e lágrimas, são os filhos do trabalho que semeiam a alegria, de novo, e reconstroem o edifício da vida.”

É oportuno refletirmos sobre isso. ■



ENTREVISTA: HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

Doutrina Espírita e Ciência

Há 40 anos, o Eng. Hernani Guimarães Andrade fundava em São Paulo o Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP). Em entrevista concedida a Antonio Cesar Perri de Carvalho, o pesquisador tece comentários acerca das pesquisas sobre a natureza do Espírito.

P. – Qual foi sua motivação para se dedicar aos estudos, relacionando Doutrina Espírita e Ciência?

HGA – O método científico sempre me pareceu a melhor maneira de adquirirmos conhecimentos seguros a respeito de alguma coisa. Acreditei que poderíamos saber mais e melhor acerca do Espírito, aplicando, em sua pesquisa, os métodos da Ciência.

Desde a idade de 16 anos, quando me tornei espírita, fui atraído pela curiosidade e pelo desejo de conhecer o que seria o Espírito em sua realidade e essencialidade. Daí, sempre tentei pesquisar, da melhor maneira que me fora possível, como seria a nossa essência espiritual.

P. – Como foram as atividades iniciais do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas (IBPP), em São Paulo?

HGA – O IBPP foi fundado no dia 13 de dezembro de 1963. Naquela ocasião eu já havia formulado a minha hipótese sobre a natureza do Espírito e já publicara dois livros a esse respeito: *A Teoria Corpuscular do Espírito*, em 1958, e *Novos Rumos à Experimentação Espírita*, em 1960. Quando o Instituto foi fundado, já fazia dois anos que eu e meus três filhos estávamos construindo o primeiro aparelho

destinado a pesquisas de apoio à minha hipótese de trabalho. O aparelho, **Tensionador Espacial Eletromagnético (T.E.E.M.)**, foi concluído em 26 de outubro de 1966. Exigiu exatamente cinco anos para ser construído.

A fundação do IBPP foi, na realidade, sugerida pelos meus queridos companheiros de doutrina, daquela época. Não cito os seus nomes para não estendermos em demasia esta entrevista. Entretanto, presto minhas homenagens a todos os fundadores do Instituto, embora meus nobres colegas de instituição não tenham tido a possibilidade de acompanhar as pesquisas e trabalhos feitos no IBPP desde aquela época até a presente data. Este fato é muito natural, pois os nossos ideais, ainda que coincidentes em suas bases doutrinárias, divergiram necessariamente nos objetivos a alcançar. Meus dignos companheiros eram grandes idealistas no aspecto doutrinário e religioso. E, pessoalmente, meus objetivos visavam apenas o conhecimento profundo da natureza do Espírito.

Em vista disso, fomos, pouco a pouco, ficando, meus pouquíssimos seguidores e eu, sozinhos e dedicados à busca que almejávamos: O estudo da natureza do Espírito.



Foto de Aparecido Belvedere

Dr. Hernani Guimarães Andrade

P. – O IBPP se consolidou e ampliou suas ações após a mudança para Bauru?

HGA – A mudança para Bauru, propriamente, não trouxe mudanças na nossa produção de trabalhos. A alteração real foi sobretudo qualitativa e não quantitativa. Quando em São Paulo, demos mais ênfase à parte da pesquisa de fenômenos paranormais. Pudemos estudar um bom número de casos de reencarnação, *poltergeist* e outros, como casos de mediunismo, de projeção do corpo astral e diversos fenômenos paranormais. Naquela ocasião, o IBPP participou de vários Simpósios e Congressos Internacionais de Parapsicologia e Psi-

coatrônica. Em Bauru, tivemos a oportunidade de organizar, no Centro Espírita “Amor e Caridade” (CEAC), cursos regulares de Psicobiofísica*, criando classes para estudos das diversas disciplinas relacionadas com a parte científica do Espiritismo. Tivemos a oportunidade, também, de encontrar, no CEAC, um número razoável de espíritas interessados nessa área do Espiritismo. Atualmente, apesar de não podermos pessoalmente ministrar os cursos, foi possível criar um corpo docente de ótimos monitores que nos substituíram com vantagem. Outro ponto relevante relacionado com a nossa vinda a Bauru foi a publicação de diversas obras relacionadas com a Psicobiofísica. Algumas delas foram aproveitadas como roteiros de estudo, facilitando bastante o aproveitamento das aulas ministradas pelos monitores.

Convém ressaltar o fato de ter sido possível levarmos a efeito uma apreciável série de pesquisas de laboratório, visando a produção e o registro do hipotético Campo Biomagnético (CBM). Um dos fatores de grande importância no sucesso dessa pesquisa foi o encontro da excelente bacteriologista, Professora Sônia Maria Marafioti Gomes, do Instituto “Adolf Lutz”. Esta competente profissional colaborou nas pesquisas, orientando-as de maneira eficiente e pudemos ter um avanço considerável na pesquisa do referido campo (CBM). Os resultados dessa pesquisa foram apresentados

* “A Psicobiofísica é uma disciplina científica cujo objeto é o estudo dos fenômenos psíquicos, biológicos e físicos, em todas as suas manifestações, com ênfase nas de caráter paranormal.”

no Congresso da Associação Médico-Espírita do Brasil, ocorrido em 29 de maio de 1997, e publicados no livro da Associação Médico-Espírita do Brasil, intitulado *Saúde e Espiritismo*, às pp. 7/25, sob o título “*Pesquisa Laboratorial do Hipotético Campo Morfogenético*”. O nome dado ao referido Campo Biomagnético (CBM) foi substituído por um nome equivalente, Campo Morfogenético. O significado é o mesmo, apenas são diferentes de acordo com a ênfase que queira dar-se a uma de suas funções. Nesse último caso, ressalta-se a sua função modeladora da forma do ser vivo.

P. – Qual sua visão, sob a óptica científica, da obra de André Luiz?

HGA – Em uma pergunta idêntica formulada durante uma entrevista dada por nós ao saudoso companheiro Wallace Leal Rodrigues, em 1972, registrada no livro *Matéria Psi*, publicado pela Editora “O Clarim”, Matão (SP), demos a seguinte resposta à questão n. 3 que dizia: “*Se Você fosse para uma ilha deserta, qual livro espírita levaria consigo? Por quê?*” – Minha resposta: – “*Eu levaria comigo a coleção toda da série ‘Nosso Lar’ de André Luiz, psicografada pelo nosso querido Chico Xavier.*”

“*Por quê? – Bem, como simpaticante da linha científica do Espiritismo, considero-a a maior contribuição deste Século, obtida por via mediúnica, para a solução do problema da natureza do homem, hoje tão focalizado pela Parapsicologia. Fica aqui consignada, a título de registro e endossada por mim, a seguinte previsão: as obras de André Luiz, psicografadas por*

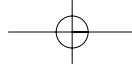
Francisco Cândido Xavier, serão, futuramente, objeto de estudo sério e efetivo nas maiores Universidades do mundo e consideradas como a mais perfeita informação acerca da natureza-do-homem e da sua vida após a morte do corpo físico.”

P. – Qual comentário faria sobre a expressão de André Luiz: “a matéria é luz coagulada?”

HGA – Já demos, anteriormente na *Revista da Folha Espírita*, n.1, de 1977, uma extensa informação acerca dessa expressão “a matéria é luz coagulada” constante do livro “*E a Vida Continua...*”, de Francisco Cândido Xavier, edição da FEB, 1968, p. 66: “*Irmã Evelina, quem lhe disse que não moramos lá, na arena terrestre, detidos igualmente num certo grau da escala de impressão do nosso Espírito eterno? Qualquer aprendiz de ciência elementar, no planeta, não desconhece que a matéria densa não é senão a energia radiante condensada. Em última análise, chegaremos a saber que a matéria é luz coagulada, substância divina, que nos sugere a onipresença de Deus.*” (O destaque é nosso.)

De fato, aqueles que estudam a Física Moderna já chegaram a esta mesma conclusão, especialmente as últimas concepções dos físicos contidas na “Teoria de Cordas”.

Não queremos dizer que, em 1968, o nosso médium maior já houvesse expresso, em termos absolutamente ao estilo da Física atual, aquilo que se denomina “A Teoria de Cordas”. A psicografia de Chico Xavier menciona exatamente as palavras “luz coagulada”, termo este evidentemente adaptado à compreensão popular. Entretanto, no diálogo estabelecido entre o Espíri-



to instrutor e a personagem denominada Irmã Evelina a informação diz o seguinte: “Qualquer aprendiz de ciência elementar, no Planeta, não desconhece que a chamada matéria densa não é senão a energia radiante condensada.” Em seguida o instrutor acrescenta: – “Em última análise, chegaremos a saber que a matéria é luz coagulada, substância divina, que nos sugere a onipresença de Deus”.

A respeito desse episódio publicamos uma extensa matéria, na *Revista da Folha Espírita*, como informamos no início desta resposta.

P. – Em que estágio se encontram as pesquisas no mundo sobre evidências de reencarnação?

HGA – A pesquisa da reencarnação, até agora levada a efeito no mundo, atingiu um nível de evidência praticamente irretorquível. Esse avanço deve-se sobretudo aos excelentes trabalhos do Prof. Dr. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, nos EE. UU. Desde 1961 até a presente data, esse notável pesquisador já registrou mais de 2.600 (dois mil e seiscentos) casos sugestivos de reencarnação, em vários países do mundo. Esse acervo de dados encontra-se em parte publicado nas obras do Prof. Dr. Ian Stevenson. Dentre essas obras, destacam-se os mais recentes livros lançados, em 1996 e 1997. São eles: “*Where Reincarnation and Biology Intersect: A Synopsis*, 203 páginas; *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects*. Volume I: *Birthmarks* (1.200 páginas). Volume II: *Birth Defects and Other Anomalies* (1.100 páginas), Westport: Praeger. Aos interessados

em maiores detalhes, sugiro consulta ao cap. VIII, pp. 100-107, do livro de minha autoria, recentemente lançado com o título: *Você e a Reencarnação*, pela Editora CEAC, de Bauru, SP, em 2002. Em nosso modesto modo de ver, essas duas obras encerram, com chave de ouro, quaisquer controvérsias a respeito da realidade da reencarnação.

P. – Do ponto de vista científico qual princípio da Doutrina Espírita, no momento, apresenta mais evidências de comprovações?

HGA – De acordo com o que foi informado, na questão anterior, o princípio da reencarnação é indubitavelmente o ponto mais seguro e indiscutível. Como corolário, podemos deduzir que a sobrevivência após a morte também é um princípio absolutamente demonstrado por via observacional. Negar tais princípios equivale a colocar-se na mesma posição dos sábios medievais, diante das verdades reveladas experimentalmente por Galileu Galilei. ■

Perante a Ciência

Colaborar com as iniciativas que enobrecem as pesquisas e os estudos da inteligência sem propósitos destrutivos.

Toda ciência que objetiva o progresso humano vem do Socorro Celestial.

*

Exaltar a contribuição inestimável da medicina terrestre em sua marcha progressiva para a suprema redenção da saúde humana.

O médico, consciente ou inconscientemente, está ligado ao Divino Médico.

.....

*

Quando chamado a responsabilidades no setor científico, superar limitações e preconceitos, sem perder a simplicidade e a modéstia.

Não há sabedoria real sem humildade vivida.

*

Desaprovar os procedimentos que, embora rotulados de científicos, venham de encontro aos ensinamentos espíritas.

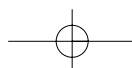
À ciência humana sobrepõe-se a Ciência divina.

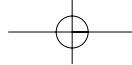
“A ciência incha, mas o amor edifica.” – Paulo.

(I Coríntios, 8:1.)

Arché Luiz

Fonte: VIEIRA, Waldo. *Conduta Espírita*. 25. ed., Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. 43, p. 143-144. (Transcrição parcial.)





Maria Philomena Aluotto Berutto

(Desencarnação)

Acometida de infecção pulmonar, retornou à vida espiritual no dia 17 de fevereiro último, em Belo Horizonte, onde residia, D. Maria Philomena Aluotto Berutto, ou como era mais conhecida, D. Neném, que no período de 1962 a 1995, presidiu com inteira dedicação a União Espírita Mineira.

Nascida a 7 de setembro de 1913, em Belo Horizonte, onde teve sua formação educacional, cresceu e moça se fez, altiva, formosa, portando racionalidade e franqueza cristã, valores que, aliados aos princípios espíritas, garantiram-lhe assumir, um dia, com todo mérito, a Federativa das Alterosas.

Conheceu, ainda em Pedro Leopoldo, o médium Chico Xavier, com quem manteve sempre o melhor relacionamento, integralmente revertido aos interesses da Doutrina Espírita, que muito recolheu das abençoadas vibrações desses dois grandes amigos, cujos vínculos do passado emergiram com intensidade, reatando os mais efetivos laços de amizade e afetos recíprocos.

Confidências e orientações espirituais, assim foi a relação daquele querido médium com D. Neném, antes, durante e depois de sua investidura como dirigente da União Espírita Mineira, a assegura-

Fonte: Chico Xavier – Mandato de Amor, U.E.M.



Chico Xavier e D. Neném, em 1974

rem, sem dúvida, firmeza e coerência em suas decisões administrativas.

Viúva de Adriano Berutto, foi esposa compreensiva, dedicada e afetuosa.

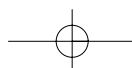
Como educadora, assumiu a direção do Colégio O Precursor, por quase 25 anos, quando este ainda fazia parte do Departamento Educacional da UEM, contribuindo com clareza científica neste Educandário, onde com bondade, ajudou a muitos jovens, proporcionando-lhes condições de estudos e segura formação.

Ressalte-se, ainda, sua valiosa atuação, junto à Congregação Espírita Feminina Casa de Betânia, serviço vinculado ao Departamento Assistencial daquela Federativa, por ela dirigida com abnegação, desde a sua fundação (14/8/1943) até dezembro de 1961.

Companheira de idéias progressistas, justa, de espírito franco e empreendedor, coerente com Jesus e Kardec, o regresso da querida D. Neném ao Mundo dos Espíritos deixa um vazio nos corações de quantos com ela conviveram, onde permanece a doce lembrança de sua sensibilidade e elevação espiritual. (Texto fornecido pela União Espírita Mineira.)

...

A Federação Espírita Brasileira teve em D. Maria Philomena uma grande amiga, de quem sempre recebeu, desde os tempos do Presidente Wantuil, total apoio e cordial entendimento. As duas Casas, FEB e UEM, mantiveram-se unidas e continuam unidas, graças principalmente à elevada compreensão de D. Neném. ■



ESFLORANDO O EVANGELHO

Emmanuel

O bem é incansável

“E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem.”

– *Paulo.* (II Tessalonicenses, 3:13.)

É muito comum encontrarmos pessoas que se declaram cansadas de praticar o bem. Estejamos, contudo, convictos de que semelhantes alegações não procedem de fonte pura.

Somente aqueles que visam determinadas vantagens aos interesses particularistas, na zona do imediatismo, adquirem o tédio vizinho da desesperação, quando não podem atender a propósitos egoísticos.

É indispensável muita prudência quando essa ou aquela circunstância nos induz a refletir nos males que nos assaltam, depois do bem que julgamos haver semeado ou nutrido.

O aprendiz sincero não ignora que Jesus exerce o seu ministério de amor sem exaurir-se, desde o princípio da organização planetária. Relativamente aos nossos casos pessoais, muita vez terá o Mestre sentido o espinho de nossa ingratidão, identificando-nos o recuo aos trabalhos da nossa própria iluminação; todavia, nem mesmo verificando-nos os desvios voluntários e criminosos, jamais se esgotou a paciência do Cristo que nos corrige, amando, e tolera, edificando, abrindo-nos misericordiosos braços para a atividade renovadora.

Se Ele nos tem suportado e esperado através de tantos séculos, por que não poderemos experimentar de ânimo firme algumas pequenas decepções durante alguns dias?

A observação de Paulo aos tessalonicenses, portanto, é muito justa. Se nos entediarmos na prática do bem, semelhante desastre espessará em verdade que ainda nos não foi possível a emersão do mal de nós mesmos.

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Pão Nosso*, 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, cap. 11, p. 33-34.

Os fenômenos de quase-morte

Sérgio Thiesen

Algumas pessoas que sobreviveram a certas crises de saúde, incluindo paradas cardíacas, anestésias e outras situações de gravidade clínica, reportam, quando retornam à consciência, uma experiência extraordinária. Estas vivências, todas espontâneas, foram descritas já há muitos anos e o primeiro trabalho sério, dedicado integralmente ao tema, é o de autoria do Dr. Raymond A. Moody Jr., psiquiatra americano – o livro *Vida depois da Vida* (*Life after Life*), publicado em 1975.

O termo “experiência de quase-morte” (do original *near-death experience*) e a sua definição foram desenvolvidos por este autor, a partir de seus inúmeros casos coletados ao longo de muitos anos e enfiados na citada obra, que se tornou referência sobre o assunto. São fenômenos, naturalmente muito antigos, mas que só recentemente estão sendo devidamente estudados.

Neles, uma pessoa como que chega perto da morte clínica ou desencarnação, e a alma se desprende relativamente do corpo, com intensidade suficiente para não sofrer mais as influências do mesmo, adquirindo um grau de liberdade tal que ocorre uma verdadeira viagem anímica. O aspecto mais inusitado é a lembrança do que sucedeu neste período e que consta dos

relatos dos pacientes ao recobrem a consciência, depois de serem reanimados. Cumpre ressaltar que estes se dão espontaneamente, ou melhor, sem intenção ou a vontade do protagonista.

Contudo, fenômenos análogos podem acontecer, induzidos por certas substâncias químicas administradas propositadamente para provocá-los, como a mesalina e o LSD, chamadas psicoativas, em pesquisas sobre consciência holotrópica e estados alterados de consciência, em laboratórios especializados de Psicologia Transpessoal. Estes últimos são, por sua vez, transe anímicos guardando com os primeiros alguma correspondência. No entanto, os de quase-morte são ainda mais singulares e revestidos de conteúdos especiais.



Estes fenômenos se incluem dentre aqueles que, na Codificação Kardequiana, se intitulam como os de emancipação da alma, estudados pelo Codificador em *O Livro dos Espíritos*, no capítulo VIII da Parte 2^a. Recordando a resposta à pergunta 422-a sobre os temas letargia, catalepsia e mortes aparentes, temos: “(...) E esse estado especial dos órgãos vos prova

que no homem há alguma coisa mais do que o corpo, pois que, então, o corpo já não funciona e, no entanto, o Espírito se mostra ativo.” Morte aparente seria o aspecto mais próximo das EQM (experiências de quase-morte), sendo que nestas o paciente se recorda e conta tudo o que viu.

Quando os relatos das muitas pessoas que viveram estas experiências são comparados, percebem-se aspectos comuns, que trazem, aliás, credibilidade e

consistência às narrativas e, ao mesmo tempo, revelações sobre a fronteira entre a vida física e o mundo espiritual.

Nos estágios iniciais o paciente nota o seu corpo inerte e o ambiente físico à sua volta, de uma curta distância. Muitas vezes é o próprio centro cirúrgico, onde está sendo submetido a uma cirurgia e após sofrer uma parada cardiorrespiratória, lá está a equipe médica tentando reanimá-lo. Isto é seguido de uma mudança de percepção para uma ambiência que não guarda nenhuma identidade com o que é do seu conhecimento comum e encontra o que ele chama de um “ser de luz” ou guia espiritual. São comuns a visão de túneis por onde eles transitam, a consciência de estarem “mortos” (e se possuem esta consciência é porque estão vivos, já que a vida é a da alma desdobrada e o cérebro físico está inativo), luzes extraordinárias que se comunicam com eles, encontros com familiares “mortos”, observação de cenários celestiais e retrospectos de suas vidas.

Curioso também apontar que pessoas cegas, mesmo de nascença, e que passaram por estas experiências enxergam normalmente, como nos demais casos, sugerindo a visão da alma, independente das vias ópticas do cérebro, que já não funcionavam antes e durante a experiência muito menos, pois o cérebro, como vimos, não tem nenhuma atividade, aspecto confirmado pelo eletroencefalograma (exame que registra as ondas cerebrais, que deixam de existir durante o tal período, como se fosse uma morte cerebral transitória).

Apesar de a alma que experimenta esta realidade exercer algum controle sobre seus movimentos no tal ambiente, os elementos morais e tudo o mais que ocorre nesta dimensão extrafísica são dependentes de uma força externa, induzida pela vontade de um Espírito, aquele que acompanha a alma na sua inusitada experiência. É este quem dirige a tal vivência, sem nenhuma solicitação ou permissão do paciente, que nada decide sobre o que se passa.

As experiências de quase-morte ocorrem com uma frequência cada vez maior por causa dos índices de sobrevivência destas crises clínicas, que melhoraram como resultado de técnicas mais modernas de res-

suscitação, possibilitando que os pacientes retornem para contá-las. Os relatos destas experiências e seus efeitos nos pacientes são similares no mundo inteiro, em variadas culturas e épocas.

Elas hoje são reportadas em muitas circunstâncias clínicas, como conseqüência, por exemplo, de paradas cardíacas por infarto do miocárdio, choque por perda sangüínea pós-parto ou complicações durante cirurgias, choque anafilático, choque elétrico, coma resultante de dano cerebral por trauma, derrame cerebral, tentativa de suicídio, afogamento ou asfixia.

Como estes fenômenos ocorrem em situações médicas, muitas vezes em dependências de clínicas e hospitais, a Medicina vem se debruçando sobre eles, procurando entender seus mecanismos, mesmo ignorando completamente a fisiologia de todos os processos que envolvem a alma como um ser distinto do corpo e os de suas relações com este último. Este é um dos desafios do qual pode derivar não só a redescoberta da alma, como também uma visão menos mecanicista e acanhada da própria “arte de curar”.

Exemplo disso é o estudo recente, publicado numa das mais respeitáveis revistas médicas do mundo, *The Lancet*, por vários autores, encabeçados por Pim van Lommel, em dezembro de 2001, cujo título é: “Experiências de quase-morte em sobreviventes de parada cardíaca: um estudo prospectivo na Holanda” (*Near-death experience in survivors of cardiac arrest: a prospective study in the Netherlands*), no original.

Este estudo revelou que dos 344 pacientes consecutivos que sofreram de paradas cardíacas em hospitais holandeses naquele período e que foram reanimados, 18% deles apresentaram tais fenômenos, o que é um número apreciável. No entanto, em outros estudos a respeito, todos retrospectivos, o que significa dizer que a análise dos relatos ocorreu vários meses ou anos depois dos fatos terem acontecido, os percentuais foram ainda maiores, 43 a 48% em adultos e em até 85% das crianças. Várias teorias, quanto à origem destas experiências, foram aventadas. Alguns pesquisadores pensam que a experiência é causada por mudanças fisiológicas no cérebro, tais como morte dos neurônios cerebrais, como resultado da anóxia (falta de oxigênio)



cerebral. É intrigante para os pesquisadores porque se a causa fosse simplesmente a falta de oxigenação cerebral – e ela existiu em todos os casos – por que só aquele percentual apresentou tais fenômenos?

Outras teorias sugerem uma reação psicológica à proximidade da morte, ou uma combinação das duas coisas. São estas algumas pálidas tentativas de explicação, pela Medicina, de fenômenos que revelam aspectos novos conquanto reais e desafiadores da vida de pessoas comuns, Medicina esta que ainda desconhece a existência da alma como sede da vida humana, o perispírito e sua fisiologia, e que ainda acredita que todos os fenômenos relativos à mente são necessariamente de origem cerebral.

Numa outra tentativa que se aproxima da visão espiritista, os pesquisadores supõem que tais experiências podem estar ligadas a uma mudança do estado de consciência, chamada transcendência, na qual a percepção, a função cognitiva, a emoção e o senso de identidade funcionam independentemente daquela consciência física corporal de quem está acordado. Pessoas que tiveram uma experiência de quase-morte são psicologicamente saudáveis e são de qualquer idade, sexo, etnia ou crença religiosa, denotando que nenhum destes aspectos implica predisposição para que elas aconteçam.

Outro aspecto importante que resultou destes casos, é o chamado processo de transformação por que passam os que vivenciaram as EQM. Ao deixarem o hospital, e nos meses e anos seguintes, eles apresentam modificações em suas vidas que incluem mudança de escala de valores e atitudes sobre situações, pessoas, trabalho, etc., tendendo a uma espiritualização, além de um aumento da sensibilidade e da intuição e o desaparecimento do medo da morte.

Chamaram a atenção dos pesquisadores uma maior capacidade de expor seus sentimentos, melhor compreensão nas relações humanas e aceitação das limitações alheias, maior amorosidade e empatia, envolvimento com os familiares, entendimento sobre o sentido da vida, interesse em espiritualidade, crença na vida após a morte, valorização das coisas simples e autoconhecimento.

Dentre as interessantes considerações finais dos autores, ressaltamos a indicação deles de que não conseguiram provar que fatores neurofisiológicos, psicológicos ou fisiológicos poderiam causar os tais fenô-

menos, fatores estes sempre relacionados a tudo o que ocorre nos arraiais da ciência médica. Outra é que a memória e a consciência, dois dos aspectos mais fundamentais da mente humana, poderiam não ser residentes no cérebro como sempre a Ciência entendeu. EQM como que força os limites contemporâneos das idéias médicas sobre consciência e relação mente-cérebro, revelando-se num grande campo de pesquisas que poderá levar o conhecimento para além do acanhado horizonte atual, favorecendo a que se alcance a amplíssima realidade da alma – essência da vida e do ser. Por isso esperam todos aqueles que necessitam da certeza da existência da alma, pela vertente da Ciência, para que ela, como diz Emmanuel, a grande esquecida da Humanidade, se estabeleça, para os homens comuns, como fulcro causal da vida e do amor de Deus. ■

O Ser de Luz

O que é talvez o mais incrível elemento comum dos relatos que estudei, e é certamente o elemento que tem o mais profundo efeito sobre o indivíduo, é o encontro com uma luz muito brilhante. Tipicamente, em sua primeira aparição a luz é tênue, mas rapidamente fica cada vez mais brilhante, até que alcança um brilho extraterreno. Contudo, ainda que esta luz (dita branca ou 'clara') seja de um brilho indescritível, muitos fizeram questão de acrescentar que de modo algum dói nos olhos ou ofusca, nem que impede de ver outras coisas ao redor (talvez porque a esta altura não tenham "olhos" físicos para serem ofuscados).

Apesar da manifestação inusitada da luz, ninguém expressou qualquer dúvida de que se tratasse de um ser, um ser de luz. Não apenas isso, é um ser pessoal. Tem uma personalidade bem estabelecida. O amor e calor que emanam deste ser para as pessoas que estão morrendo estão completamente além das palavras, e elas se sentem completamente rodeadas por eles, completamente à vontade e aceitas na presença deste ser. Sentem uma atração magnética irresistível para esta luz. Uma atração inelutável. (...).

Raymond A. Moody Jr.

Fonte: *Vida depois da Vida*. 3. ed. São Paulo: EDIBOL-SO, s/d., p. 55.

Amar a Deus sobre todas as coisas...

Mauro Paiva Fonseca

Se amar o próximo já é mandamento que o homem normalmente tem dificuldade para cumprir, em decorrência do orgulho, do egoísmo e da vaidade que ainda infestam a sociedade humana, apesar do contínuo e estreito contato na vida de relação no dia-a-dia, não será difícil imaginar a dificuldade encontrada para compreender e praticar o amor a Deus; esse Deus, cuja realidade a grande maioria das criaturas ignora e considera um ser abstrato, inalcançável, cuja forma, localização e origem, busca, em vão, descobrir, com os acanhados recursos da própria inteligência e da ciência dos homens, cujos instrumentos de pesquisa e análise são insuficientes para conceituá-lo e defini-lo.

Jesus, no entanto, enfatizou o amor a Deus ao resumir toda a lei e os profetas no “Amar a Deus acima de todas as coisas, e o próximo como a si mesmo”. Conhecendo tão bem os seres humanos, aos quais veio trazer ensinamentos libertadores, sabia que no estado de atraso espiritual em que se encontravam (e ainda se encontram), não lhes seria possível compreender o sentido real deste mandamento; por isso, lançou à sua volta toda uma doutrina, que não somente consolidava a idéia do Deus único, como, através de seus apóstolos, difundia conceitos que faziam do amor o único ca-

minho capaz de trazer aos homens felicidade e paz, a fim de que todos que dela tomem conhecimento tenham os pensamentos convergentes para a idéia central: Deus.

Seria tarefa pretensiosa, quicá impossível, definir o amor com precisão, mas, sem prejuízo da intenção que acalentamos, procuraremos conceituá-lo o mais completamente possível, para orientar as diretrizes do raciocínio que pretendemos desenvolver. Das muitas definições conhecidas, engendradas pelas inteligências dos pensadores e filósofos, parece-nos a que melhor o define ser a que diz: “O amor é o desejo incondicional do bem”.

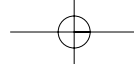
De um modo geral, os homens consideram que amar significa prodigalizar afeto, dedicação, carinho, lealdade, humildade, tolerância, complacência, perdão, amparo, resignação, liberdade, respeito, generosidade, alegria, e muitos outros sentimentos dessa mesma natureza, que tanto expressam capacidade de renúncia, como a iniciativa de agir no bem em favor do ser amado.

Em se referindo aos semelhantes à nossa volta, este modo de considerar o amor é perfeitamente compreensível; porém, em se tratando de Deus, inteligência suprema do Universo e causa primeira de todas as coisas, essa consideração carecerá de realidade; primeiramente, porque sendo Ele onipotente,

onisciente e onipresente, soberanamente justo e bom, é completo por si mesmo, não carecendo que suas criaturas ofereçam nenhum dos sentimentos supracitados; em segundo lugar porque elas não teriam como fazê-lo diretamente!

Quando amamos alguém, procuramos satisfazer-lhe todos os anseios benéficos. Ao derramar sobre nós o Seu amor, oferecendo-nos todos os recursos da vida, implicitamente o Pai demonstra o desejo incondicional do bem para toda a Criação. Fomos criados para a felicidade, a glória e a luz: esse o determinismo divino! Deus não se compraz com a desventura e o sofrimento de suas criaturas. Eles são, antes, resultado de nossa incúria, nossa rebeldia, revolta e indiferença para com o próprio dever ante as leis que nos governam, as quais objetivam o progresso dos seres, com a conseqüente conquista da ventura e liberdade cada vez mais amplas.

Amar a Deus significa, pois, satisfazer-Lhe a vontade, cumprindo Seus desígnios e as leis com que governa os destinos. Não será necessário dizer *Deus eu te amo* para expressar o amor ao Pai; isto será inconsistente e inexpressivo. Nossa reverência e respeito deverá estar nos atos que praticamos. Demonstraremos o amor ao Criador observando suas leis e pondo em prática os ensinamentos por Ele enviados aos homens, através de Jesus. O amor a Deus não se expressa verbalmente; mas, demonstra-se com os pensamentos, palavras e atos, sempre orientados na direção do bem, dirigidos às criaturas que Deus criou à nossa volta! **ISTO É AMAR A DEUS!** ■



No aperfeiçoamento próprio

Passos Lúrio

*T*ais e tantos são os altos e baixos de que somos passíveis e tão freqüentes as facilidades de oscilações de atitudes a que estamos sujeitos, que dificilmente observamos, no lar e em sociedade, invariáveis critérios de conduta condizentes com o imperativo do nosso aperfeiçoamento próprio.

Parece mesmo, à primeira vista, não poder ser de outra maneira, dada a diversificada variedade de graus e gêneros de caracteres com que lidamos na vida de relação, por vezes estarrecedores na gama de suas multiformes manifestações.

Seria de supor-se insolúvel o problema, irremediável a situação, não fora a tipificação dos moldes evangélico-espíritas em que podemos e devemos plasmar a nossa personalidade, tornando-nos “novas criaturas em Cristo”, mediante a assimilação da essência renovadora dos seus ensinamentos.

Não se trata propriamente de aspirarmos à conquista da perfeição de um dia para outro ou até mesmo numa só existência, sempre tão curta, ainda que de longo curso, para a consecução de tão extenso programa de aprimoramento espiritual, mas a de estarmos deveras atentos a essa finalidade máxima de nossa trajetória terrena.

Eis por que se faz mister imprimir aos nossos passos uma direção conducente à obtenção de semelhante desiderato, malgrado as circunstâncias adversas com que tenhamos de nos defrontar em nosso relacionamento privado e público.

O importante é que adotemos padrões de conduta que nos levem a resultados auspiciosos e compensadores, nesse sentido, e neles perseveremos de ânimo inquebrantável.

Lembremos alguns que poderão vir ao encontro dessa imperiosa necessidade.

Ante o livre-arbítrio – buscar sempre o melhor caminho; o direito de opção é faculdade inalienável de cada um de nós.

Ante a evolução – caminhar com os próprios pés, fazendo valer a lei do maior esforço; ninguém poderá fazer por nós o que só por nós mesmos deverá ser feito.

Ante a mediunidade – preparar-se pelo estudo e pelo trabalho para bem doar-se e melhor servir; sem sintonia e afinidade com os Emissários do Senhor não teremos condições de nos identificar plenamente com a natureza do nosso trabalho de medianeiros.

Ante o corpo físico – pormos sua vitalidade e economia orgânica a serviço da Causa do Mestre, preservando-o de desgastes em hábitos e costumes malsãos.

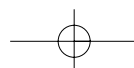
Ante o mal, quaisquer que sejam as modalidades de suas mani-

festações – mostrarmo-nos prudentes e escrupulosos, opondo tenaz e sistemática resistência a seus envoltivos e influências, para não lhe sofrermos os prejuízos e evitar-mos que outros venham a sofrê-los.

Ante os prazeres e folguedos desprovidos de sadio conteúdo espiritual – resguardarmo-nos ao máximo, neutralizando-lhes as imantações pela valorização dos nossos deveres e conscientização de nosso senso de responsabilidade; os entretenimentos sem teor espiritualizante são engodos mundanos que nos embotam e embrutecem o espírito, e a suprema meta da vida é a nossa espiritualização.

Ante o trabalho – desincumbirmo-nos de nossos compromissos com boa vontade e alegria e não sob constrangimento, como se tivéssemos no cumprimento do dever um castigo e fôssemos sentenciados a sofrê-lo a contragosto; sem trabalho torna-se impraticável o progresso.

Ante o semelhante – observar-lhe as proações, compreender-lhe as necessidades, sentir-lhe os dramas de consciência e os conflitos de sentimentos, encorajá-lo nas lutas, confortá-lo nas vicissitudes e contingências da vida, esclarecê-lo, assisti-lo por todos os meios e modos ao nosso alcance, orientá-lo com habilidade e tato, com sincera afetuosidade e infatigável dedicação; o nosso próximo, quando bem compreendido e amado, é o maior e



melhor investimento que fazemos no sentido da aquisição de nossa felicidade.

Jesus se esqueceu de si mesmo consagrando-se a seus irmãos em Deus, a fim de que todos nos lembrássemos dEle, como Enviado do Pai, e aprendêssemos a Lhe fazer a Vontade, amando-nos uns aos outros como Ele nos amou.

Ante a Vida em si mesma – acatar-lhe os impositivos de lutas e adversidades, valorizá-la sempre, prezá-la ao extremo, reconhecendo nos acontecimentos do cotidiano fatores de promoção de nossa ascensão espiritual.

Ante o tempo – deixar que ele realize em nós, através das oportunidades de testemunhos, no escoar das horas e dos dias, o maravilhoso fenômeno de nossa integração no regaço do Altíssimo, pela descoberta de nós mesmos para com Ele e pela revelação de Sua imagem em nós, num indestrutível entrelaçamento divino de filho e Pai, de criatura e Criador, na intermínima espiral do Infinito e da Eternidade.

Certo, isso não será tudo, mas é certo ser algo que nos ajuda a pensar e agir melhor, possibilitando a obra do nosso aperfeiçoamento próprio. ■

os fenômenos da Natureza e da vida a partir de instrumentos e metodologias de ordem material, utilizando meios limitados aos cinco sentidos, dentro de experiências que podem ser repetidas em laboratório.

Quando se tem de pesquisar a vida além do véu material não há como utilizar os mesmos recursos e métodos. Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, um incansável buscador da verdade, utilizou metodologia própria, baseando-se no instrumento revelador que é a mediunidade, esta capacidade humana de transcender os limites do material e adentrar no espiritual, realizando o intercâmbio entre os dois planos da vida. Utilizou como parâmetro da verdade a concordância universal dos ensinamentos dos Espíritos, através de diversos médiuns e diversos Espíritos, dentro do crivo da lógica e do bom senso.

O Espiritismo, doutrina que foi trazida à Terra liderada pelo Espírito de Verdade, teve em Kardec o missionário escolhido para codificá-la por suas qualidades pessoais, seu caráter diamantino e sua conduta reta. Homem de sólidos conhecimentos científicos à sua época, era dotado de espírito inquiridor, que não se contentava com meias verdades.

O Espiritismo é uma revelação nova de verdades eternas que estão na Natureza, num contexto mais amplo, dilatando os horizontes da vida humana para além do túmulo, dentro de uma série de existências, tendo Jesus como Guia e Modelo da Humanidade. O Espiritismo é, pois, uma verdade mais ampla, apresentada no momento em que muitos se encontram amadurecidos para assimilá-la. ■

Espiritismo: verdade mais ampla

Marcus Vinícius Pinto

do este o interroga para saber o que é a verdade e não lhe dá oportunidade de responder, bem como em eras anteriores, os seres humanos vêm procurando a resposta para seus anseios de maior conhecimento a respeito da Espiritualidade, a respeito de Deus e do Universo. A verdade, sendo revelada à Humanidade progressivamente, é como a luz que deve aumentar em magnitude aos poucos, para não causar confusão e prejuízo aos que a recebem.

A palavra verdade significa realidade; exatidão; representação fiel de alguma coisa existente na natureza. Porém, num mundo como o nosso, apenas podemos falar, a partir de nossas imensas limitações, em verdades relativas conhecidas em determinada época. Os cientistas, pesquisadores e antropólogos estudam

Tudo o que foge ao convencional, que é inovador, que rompe com estruturas sedimentadas pelo tempo e pela opinião da maioria, principalmente no campo religioso, sofre a dúvida quanto à sua veracidade, quanto à sua autenticidade. O Espiritismo, como doutrina inovadora, não pode furtar-se a ser posto em dúvida a respeito de seus postulados básicos de preexistência da alma; imortalidade do ser; pluralidade das existências; pluralidade dos mundos habitados; Deus e a comunicabilidade dos Espíritos desencarnados com os encarnados. Desde os tempos de Jesus, em seu encontro com Pôncio Pilatos, quan-

Em busca da cura

Adésio Alves Machado

Mais do que normal o ser humano procurar livrar-se da dor, de algo que esteja provocando mal-estar físico, incomodando o funcionamento de seu organismo. Portanto, muito natural ao ser humano querer saúde. Há, no entanto, necessidade de o enfermo atentar para certos detalhes que podem ajudá-lo muito na obtenção do que almeja.

Antes de mais nada deve ele ter noção, a melhor possível, sobre a existência de um sistema imunológico em atividade permanente no organismo, sistema que deve ser preservado, o mais possível, a fim de que o tenhamos sempre em condições de funcionamento cem por cento, em nosso próprio benefício. Tudo quanto possamos realizar que o leve ao enfraquecimento deve, precisa ser evitado, esta a outra imediata atitude.

Sabemos o quanto é poderosa a força mental, força esta ainda pouco utilizada pelo ser humano. Com ela atuando de forma otimista, sem alimentar por seu intermédio o pessimismo, a cultura do “baixo astral”, temos amplas possibilidades de manter o corpo saudável.

De posse destes conhecimentos, convictos a respeito deles, já

nos habilitamos a uma conduta correta quando formos tomados por uma enfermidade. Reagiremos contra o abatimento de ânimo, ao estiolamento de nosso sistema imunológico, com as toxinas de ordem mental. A primeira atitude é não remexer na doença sem necessidade, falando dela apenas quando necessário. Não se lastimar, queixar-se da “sorte”, sentir-se como um “coitadinho”, querer atrair compaixão para sua condição enfermiza, etc.

Ora, já foi mostrado, exaustivamente, pelos sábios Espíritos, que comentar o mal é aumentá-lo. Remexer numa ferida é fazê-la sangrar mais, é agravar o seu estado em vez de curá-lo.

Conhecemos um caso em que uma pessoa tinha um problema médico – diarreia crônica – que se arrastava há mais de vinte anos. Possuía plena consciência, após muita conversação, de que seu problema era muito mais emocional do que orgânico. Vivia encharcando-se dos problemas de familiares, filhos, netos, noras, além do marido, o que só acontecer em muitas famílias onde os pais desprevenidos relutam em dar a necessária independência aos filhos para que absorvam suas próprias experiências e assim aprendam a viver. O resultado é, pois, o acúmulo de situações problemáticas em seu mundo íntimo, suas e dos parentes, remexendo, lógico, de forma desequilibrada em seu emocional,

levando o seu imunológico a um estado de enfraquecimento perigoso.

Mostramos inicialmente este aspecto de sua vida familiar, e depois lhe fizemos ver que estar sempre a comentar seu mal era altamente intoxicante, era enviar doses maciças de veneno moral ao imunológico. O pior, alertamos, era que ela já estava numa dieta rigorosa, o que ainda mais enfraquecia seu organismo, levando-a à prostração. Achava que toda comida ingerida lhe faria mal. Fizemo-la ver que aquilo não era verdade, tendo em vista que a sua diarreia não era causada pelo alimento, e sim pelo enfraquecimento do sistema imunológico vitimado pelos pensamentos desequilibrados. Este precisava ser reforçado. De que forma? Primeiro de tudo não comentasse mais com ninguém o seu mal, não relatasse aquele longo histórico dos males pelos quais estava passando. Desta forma, assumiu de imediato a nova postura, mesmo contrariando opiniões de parentes. Assim agindo, em poucos dias sua dieta diminuiu, seu astral subiu de frequência e ela se recuperou.

Na oportunidade, como reforço de argumentação, lemos para ela, uma trabalhadora espírita, trecho do livro *Nosso Lar*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, encontrado no capítulo seis, e que diz respeito a um diálogo entre André Luiz e Clarêncio. Aquele se lamentava quanto às suas

enfermidades, suas sensações de angústias no coração, dores na zona intestinal, julgando muito pesada de ser carregada a cruz de seus sofrimentos. Acreditava que a dor lhe aniquilava todas as forças disponíveis. Além das dores físicas, acrescentava as suas dores morais, que eram enormes e inexprimíveis. Sua esposa, como estaria? Seu primogênito teria conseguido progredir? E as filhinhas, como estariam longe dele? Oh, sua dor era muito amarga! Que era, enfim, a vida? Um sucessivo desenrolar de misérrimas e lágrimas? Na ocasião derramou doridas lágrimas. Era este o quadro íntimo apresentado por André Luiz, diante de Clarêncio, que o ouvia atencioso e reverente. Após ouvi-lo, com muita serenidade Clarêncio perguntou, sem afetação, se ele desejava realmente a cura espiritual, tendo recebido resposta afirmativa. E o Mentor continuou: “– Aprenda, então, a não falar excessivamente de si mesmo, nem somente a própria dor. Lamentação denota enfermidade mental e enfermidade de curso laborioso e tratamento difícil. É indispensável criar pensamentos novos e disciplinar os lábios. Somente conseguiremos equilíbrio, abrindo o coração ao Sol da Divindade. Classificar o esforço necessário de imposição esmagadora, enxergar padecimentos onde há luta dignificante, sói identificar indesejável cegueira. Quanto mais utilize o verbo por dilatar considerações dolorosas, no círculo da personalidade, mais duros se tornarão os laços que o prendem a lembranças mesquinhas. (...)” Disse mais Clarêncio o que muitos pais e mães, principalmente estas, precisam aprender: “(...) Devemos ter nosso agrupamento fa-

miliar como sagrada construção, mas sem esquecer que nossas famílias são seções da Família universal, sob a Direção Divina (...)” Mais adiante acrescentou que não dispunha de tempo para voltar a zonas estereis de lamentação. Aconselhou finalmente a André Luiz que, caso desejasse permanecer naquela casa de assistência, aprendesse a pensar com justeza, lembrasse de que na vida carnal despendera sempre esforços continuados, derramara suores à obtenção do que pretendia; que ali seria o mesmo.

Aos menos afeitos às palavras dos Mentores e Guias, em certas ocasiões, elas podem parecer duras, e que, no caso aqui exposto, Clarêncio se mostrou insensível, autoritário. Engano. Eles são objetivos e não têm tempo a perder com cer-

tos procedimentos e atitudes impróprios de criaturas ainda imaturas psicologicamente. Não queiramos ver nesses Espíritos Nobres criaturas que devam ser excessivamente melífluas, bondosas, meigas, piegas, passando sempre as mãos pelas nossas cabeças e apiedando-se de nossas lutas. Nada disso, somos nós, os humanos, que nos enclausuramos em nossas lamentações e queremos que delas todos participem, sem despender legítimos esforços no sentido de sair das situações enfermizas, mais ainda as de ordem espiritual.

Aprendamos a lição dada a André Luiz, para que não cheguemos no mundo espiritual com falsas impressões sobre o que vamos encontrar com respeito ao que aqui enfocamos. ■

Jornada

Fui átomo, vibrando entre as forças do Espaço,
Devorando amplidões, em longa e ansiosa espera...
Partícula, pousei... Encarcerado, eu era
Infusório do mar em montões de sargaço.

Por séculos fui planta em movimento escasso,
Sofri no inverno rude e amei na primavera;
Depois, fui animal, e no instinto da fera
Achei a inteligência e avancei passo a passo...

Guardei por muito tempo a expressão dos gorilas,
Pondo mais fé nas mãos e mais luz nas pupilas,
A lutar e chorar para, então, compreendê-las!...

Agora, homem que sou, pelo Foro Divino,
Vivo de corpo em corpo a forjar o destino
Que me leve a transpor o clarão das estrelas!...

Adelino Fontoura

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido, VIEIRA, Waldo. *Antologia dos Imortais*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990, Parte I, p. 33-34.

Economia pessoal

Geraldo José de Sousa

"Aqueles que não querem ser aconselhados, não podem ser auxiliados."

Benjamin Franklin

Na vida, raríssimos são os autodidatas. E há lições indispensáveis à nossa vida que não se aprendem na escola.

Na ausência de professores, no lar, na chamada educação de berço; ou na escola; ou quando inexistem livros, aprendemos, a duras penas, com a experiência, com a vida.

Quando não as aprendemos de uma forma, a vida no-las ensina de outra, às vezes cobrando-nos eleva-do preço.

Entre elas, uma das mais preciosas é a de administrar os recursos pessoais, de zelar pelo nosso nome, não assumindo compromissos que não possamos cumprir.

Noticiava a Televisão, há algum tempo, que escolas de um Estado brasileiro incluíram em seu currículo noções rudimentares de economia pessoal a seus estudantes.

Noções de custo; de poupança; de como administrar a mesada, para, economizando, adquirir depois um bem de valor superior aos próprios rendimentos.

Saber agrupar despesas permanentes, indispensáveis, destacando-as de outras, eventuais, e que podem ser adiadas ou realizadas após programar poupança para tal.

Nada tão esquecido e tão necessário em nossos dias, nesta sociedade de consumo desenfreado, onde o cheque pré-datado "voa" com desenvoltura!

Se esses rudimentos de economia fossem ensinados em todas as escolas brasileiras, públicas e particulares, teríamos, no longo prazo, cidadãos que saberiam administrar não só seus recursos – vivendo dentro de seus orçamentos, sem comprar por compulsão, por ostentação, estourando os limites do razoável, levando-os à inadimplência, ou seja, a deixar de pagar compromissos assumidos espontaneamente –, mas qualquer empreendimento, público ou privado.

Economia quer dizer governo da casa.

A Ciência Econômica ensinamos a obter o máximo com o mínimo dispêndio; a bem aplicar recursos escassos, para obter o máximo de satisfação.

Os desejos são ilimitados. Os recursos são limitados.

Compatibilizar esses extremos é o desafio maior da Economia.

Thomas Jefferson, estadista norte-americano (1743-1826), um dos redatores da Declaração de Independência dos Estados Unidos, e seu terceiro Presidente, aconselha-nos, sabiamente:

"Não gaste dinheiro antes de possuí-lo."

"Nunca compre o que não lhe é necessário."

Aquele que não sabe viver den-

tro de seus rendimentos, que não aprende a planejar seus gastos, a poupar parte do ganho para eventuais despesas de caráter inadiável, mais cedo ou mais tarde mancha o próprio nome, ganhando a reputação de mau pagador, seja nos registros do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), seja nos cadastros dos bancos, seja na boca do povo. Limpar o próprio nome nem sempre é fácil.

O hábito de trair a confiança alheia gera conseqüências danosas também ao traidor, além de prejuízos a terceiros.

Aprender a zelar pelo nome e caráter é, pois, muito importante e devia merecer inclusão nos currículos escolares, além de integrar a educação de berço.

Contudo, nem sempre encontramos pais zelosos em passar aos filhos ensinamentos dessa natureza, nem cursos onde aprender tais lições que, como vemos, não se restringem a aspectos econômicos, pois se estendem às questões morais.

Entre elas, destaca-se a honestidade, o respeito ao que é do outro, de seu direito de receber na data acertada, seja pelo seu trabalho, seja pelo produto que nos vendeu.

O que vale para a Economia, também pode ser aplicado ao governo de si próprio (autonomia), relativamente à educação das próprias emoções e de outros sentimentos.

Governar a libido, para não ser

pai ou mãe antes da hora; ou, manter-se fiel à pessoa amada.

Governar-se ao volante, para respeitar as normas de trânsito.

Governar o livre-arbítrio, para manter a liberdade.

Governar a língua, para usá-la a serviço do bem.

Governar o ouvido e não passar à frente o que não convém.

Governar a boca, para não beber ou alimentar-se excessivamente.

Governar os olhos e aprender a ver sem malícia.

Governar os sentimentos, não se escravizando a paixões.

Governar a própria conduta e não se prender a vícios de qualquer natureza.

Governar o próprio tempo, para aproveitá-lo utilmente.

Tudo nos vem de Deus e a Ele teremos que, um dia, prestar contas, como nos informa Jesus:

“Presta contas de tua administração (...). (Lucas, 16:2.)

Nem todos aceitamos pacificamente admoestações, seja por orgulho, ignorância ou por ausência de humildade, como bem nos lembra Salomão:

“O que rejeita a correção menospreza a sua alma, mas o que escuta a repreensão adquire entendimento.” (Provérbios, 15:32.)

Jefferson, citado acima, reprova o orgulho:

“Evite o orgulho, porque ele o prejudicará muito mais do que a fome, a sede e o frio.”

Se aprendêssemos lições tão simples, mas fundamentais à vida, seriam dispensáveis tantas CPIs para apurar desvios de verbas, e até normas como a Lei de Responsabilidade Fiscal...

Mas isto já é outra história! ■

Penas eternas?

Rildo G. Mota

Com a finalidade de justificar o dogma das penas eternas, a Teologia (Doutrina acerca das coisas divinas. Doutrina da religião cristã) diz que, não obstante o ser humano ser finito, limitado em sabedoria, poderio e virtudes, sua culpa torna-se infinita pela natureza infinita do ofendido – Deus, o Criador. Por conseguinte, o castigo do ofensor deve ser infinito.

Dessa forma, os teólogos ditos cristãos sustentam a tese segundo a qual o elemento moral do delito está na qualidade do ofendido e não na malícia do ofensor. Opinião, cremos nós, manhosa e ardilosa. Pelo fato de transferir do agente para o paciente a gravidade do ato praticado. Não levando em conta as qualidades morais infinitas de Deus. Considerando-o menos perfeito do que os terráqueos.

A respeito, diz Rodolfo Calligares, na sua obra *As Leis Morais* (Ed. FEB), no capítulo “A responsabilidade do Mal”: “Como, então, admitir-se possa Deus consentir sejamos castigados eternamente pelo haver ofendido (infantes espirituais que somos) com nossa imensa ignorância ou inconsciência?”

...

Quanto à Doutrina Espírita, a Terceira Revelação de Deus aos homens, ela nos ensina: “A lei de

Deus é a mesma para todos; porém, o mal depende principalmente da vontade que se tenha de o praticar. O bem é sempre o bem e o mal sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem. Diferença só há quanto ao grau da responsabilidade.” (*O Livro dos Espíritos*, questão 636, ed. FEB.)

E mais:

“(...) Tanto mais culpado é o homem, quanto melhor sabe o que faz.” (Ibidem, questão 637.)

“O mal recai sobre quem lhe foi causador. (Questão 639.)

Aquele que não pratica o mal, mas que se aproveita do mal praticado por outrem, é tão culpado quanto este?

“É como se o houvera praticado. Aproveitar do mal é participar dele. Talvez não fosse capaz de praticá-lo; mas, desde que, achando-o feito, dele tira partido, é que o aprova; é que o teria praticado, se pudera, *ou se ousara*.” (Ibidem, questão 640.)

Assim sendo, todos nós sofremos, no presente ou no futuro, as conseqüências dos nosso próprios erros, até que alcancemos a perfeição.

As penas, portanto, não são eternas, nem, muito menos, infinitas. ■

Retificando...

Em nossa edição de março último, no artigo *Há Espíritos?* (p. 22-24), o nome correto do autor é *Marco Túlio Laucas*.

Médiuns interesseiros

Allan Kardec

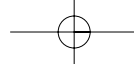
Em nosso artigo sobre os escolhos dos médiuns colocamos a cupidez no rol dos defeitos que podem dar guarida aos Espíritos imperfeitos. Alguns desenvolvimentos sobre esse assunto não serão inúteis. É preciso colocar na linha de frente dos médiuns interesseiros aqueles que poderiam fazer de sua faculdade uma profissão, dando o que se denomina de consultas ou sessões remuneradas. Não os conhecemos, pelo menos na França, mas como tudo pode tornar-se objeto de exploração, nada haveria de surpreendente em que um dia quisessem explorar os Espíritos. Resta saber como eles enfrentariam o fato, caso se tentasse introduzir uma tal especulação. Mesmo parcialmente iniciado no Espiritismo compreende-se quanto seria aviltante semelhante especulação; entretanto, quem quer que conheça um pouco as difíceis situações enfrentadas pelos Espíritos para se comunicarem conosco, sabe quão pouco é necessário para os afastar, assim como conhece sua repulsa por tudo quanto represente interesse egoísta; por isso, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores se submetam ao capricho do primeiro que os venha evocar, em tal ou qual hora. O simples bom senso repele essa suposi-

ção. Não seria também uma profanação evocar o pai, a mãe, o filho ou um amigo por semelhante meio? Sem dúvida pode-se obter comunicações deste modo, mas só Deus sabe de que procedência! Os Espíritos levianos, mentirosos, travessos, zombadores e toda a corja de Espíritos inferiores vêm sempre; estão sempre dispostos a responder a tudo. Outro dia São Luís nos dizia, na Sociedade: *Evocai um rochedo e ele vos responderá*. Aquele que deseja comunicações sérias deve, antes de tudo, instruir-se sobre a natureza das simpatias do médium com os seres de além-túmulo. Ora, aquelas que são dadas mediante pagamento não podem inspirar senão uma confiança bem medíocre.

Médiuns interesseiros não são unicamente os que poderiam exigir uma retribuição material; o interesse nem sempre se traduz na esperança de um ganho material mas, também, nas ambições de qualquer natureza, sobre as quais pode fundar-se a esperança pessoal; é ainda uma anomalia de que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem aproveitar, e com uma destreza e uma desfaçatez verdadeiramente notáveis, embalando enganadoras ilusões naqueles que assim se colocam sob sua dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade dada para o bem, e os bons Espíritos se afastam de quem quer que pretenda transformá-la em trampolim para alcançar seja o que

for que não corresponda aos desígnios da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos o combatem e, portanto, não é de supor-se que se sirvam dele. Isso seria tão racional que a propósito seria inútil insistir.

Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria. Sendo tais efeitos produzidos por Espíritos inferiores, pouco escrupulosos quanto aos sentimentos morais, um médium dessa natureza que quisesse explorar a sua faculdade poderia encontrar quem o assistisse sem muita repugnância. Mas também aí se apresenta um outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, assim como o de comunicações inteligentes, não recebeu essa faculdade para seu bel-prazer; ela lhe foi dada com a condição de usá-la adequadamente: se abusar, poderá ser retirada ou trazer-lhe prejuízos porque, definitivamente, os Espíritos inferiores estão às ordens dos Espíritos superiores. Os inferiores adoram mistificar, mas não gostam de ser mistificados. Se de boa vontade se prestam às brincadeiras e às questões curiosas, assim como os demais não gostam de ser explorados, provando a todo instante que têm vontade própria e agindo como e quando melhor lhes pareça; isso faz com que o médium de efeitos físicos esteja ainda menos seguro da realidade das manifestações que o médium escrevente. Pretender produzi-los a dia e hora marcados seria



dar provas da mais profunda ignorância. Que fazer, então, para ganhar o seu dinheiro? Simular os fenômenos; é o que poderá acontecer não apenas aos que disso fizerem uma profissão declarada, como também às pessoas aparentemente simples, que se limitam a receber uma retribuição qualquer dos visitantes. Se o Espírito nada produz, o próprio médium supre a sua deficiência: a imaginação é tão fecunda quando se trata de ganhar dinheiro...! É uma tese que desenvolvemos em artigo especial, visando prevenir a fraude.

De tudo quando precede, concluímos que a maior garantia contra o charlatanismo é o mais absoluto desinteresse, porque não há charlatães desinteressados; se isso nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, retira dos maus Espíritos um poderoso meio de ação e fecha a boca de certos detratores.

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – março de 1859. (Tradução de Evandro Noleto Bezerra.) ■

A honestidade relativa

Médium Sra. Costel

Hoje nos ocuparemos da moralidade dos que não a têm, isto é, da honestidade relativa, que se encontra nos mais pervertidos corações. O ladrão não rouba o lenço de seu camarada, mesmo quando este tenha dois; o negociante não vende caro para os amigos; o traidor, apesar de tudo, é fiel a um ser qualquer. Jamais um clarão divino está completamente ausente do coração humano; assim, deve ser conservado com cuidados infinitos, quando não expandido. O julgamento estreito e brutal dos homens impede, por sua severidade, muito mais mudanças positivas do que a prática de ações más. Desenvolvido, o Espiritismo deve ser e será a consolação e a esperança

dos corações estigmatizados pela justiça humana. Repleta de sublimes ensinamentos, a religião paira muito alto para os ignorantes. Não alcança, com bastante clareza, a espessa imaginação do iletrado, que quer ver e tocar para crer. Esclarecida pelos médiuns, a crença florescerá no coração talvez ressequido do próprio médium. Assim, é principalmente ao povo que os verdadeiros espíritas devem dirigir-se, como outrora os apóstolos; que espalhem a doutrina consoladora; como pioneiros, que penetrem no pântano da ignorância e do vício, para arrotear, sanear, preparar o terreno das almas, a fim de que elas possam receber a bela cultura do Cristo.

Georges

Fonte: *Revue Spirite (Revista Espírita)* – novembro de 1860. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. ■

Ajuda, perdoo e passa

Se alguém te fere e apedreja,
Lançando-te fel à taça,
Não te detenhas na queixa,
Ajuda, perdoo e passa.

Escárnio? Provação?
Disputa, sombra, arruaça?
Não te canses de servir...
Ajuda, perdoo e passa.

Se o ridículo te expõe
À aleivosia da praça,
Cultiva o bem com fervor,
Ajuda, perdoo e passa.

Quando a aflição te visite
Na injúria que te ameaça,
Trabalha e espera o futuro,
Ajuda, perdoo e passa.

Ante as fogueiras que surgem,
Quando o ódio sai à caça,
No silêncio da oração,
Ajuda, perdoo e passa.

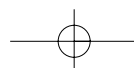
Se a calúnia te persegue,
Na lama com que te enlaça,
Desculpa incessantemente,
Ajuda, perdoo e passa.

O culto da caridade
É a nossa eterna couraça.
Vencendo perturbações,
Ajuda, perdoo e passa.

Aos obreiros do Evangelho
A treva nunca embarça.
Quem segue com Jesus-Cristo
Ajuda, perdoo e passa.

Casimiro Cunha

Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Correio Fraternal*. 5. ed., Rio de Janeiro: FEB, 1998, cap. 10, p. 31-32.



A FEB E O ESPERANTO

Esperanto, língua universal da família humana

Affonso Soares

"Em um mundo cada vez mais consciente a respeito dos direitos das minorias e da diversidade lingüística e cultural, o Esperanto tem conquistado uma renovada atenção por parte de influentes centros de decisão. Organizações e coalizões não-governamentais pressionam no sentido de que a questão de uma língua internacional seja colocada na ordem-do-dia das Nações Unidas e da União Européia. Em julho de 1996, o Simpósio Nitobe de Organizações Internacionais reuniu em Praga, República Tcheca, um grupo de peritos independentes que, verificando a situação vigente do Esperanto, propôs a sua inclusão em debates atuais acerca de direitos lingüísticos e de uma política sobre línguas.

O Manifesto de Praga, uma moderna redeclaração sobre os valores e objetivos que motivam o Movimento Esperantista, enfatiza a democracia lingüística e a conservação da diversidade de línguas.

Entre os falantes de Esperanto que ultimamente têm ocupado o noticiário incluem-se Reinhard

Selten, Prêmio Nobel em 1994, Zsuzsa Polgár, campeão mundial de xadrez em 1996, e Tivadar Soros, pai do financista George Soros.

'Diálogos Indígenas', programa que objetiva fortalecer o diálogo entre populações indígenas no mundo, descarta as línguas dos antigos colonizadores, tomando o Esperanto como meio de comunicação.'

O texto acima, elaborado pela Associação Universal de Esperanto (Rotterdam, Holanda), é uma introdução a um conjunto de informações úteis sobre o Esperanto, as quais apresentamos a seguir, muito resumidas.

Origem e objetivos:

Consciente de que uma língua é obra do uso coletivo, Zamenhof, ao lançar sua genial concepção em Varsóvia, no ano de 1887, limitou-se a um mínimo de regras gramaticais e a uma pequena provisão de raízes vocabulares, confiando o Esperanto à sociedade que, efetivamente, o tem feito progredir pelo uso.

Características:

O Esperanto é falado e escrito. Se seu léxico provém das línguas da Europa Ocidental, sua sintaxe e morfologia sofrem influência es-

lava. A quase infinita recombinação de seus morfemas invariáveis, em diferentes palavras, aproxima-o também de línguas como o chinês, enquanto que a estrutura de seus vocábulos se assemelha à das línguas aglutinantes como o turco, o swahili e o japonês.

Desenvolvimento:

As 1.000 raízes iniciais permitiam a formação de cerca de 12.000 palavras. Os atuais dicionários registram entre 15.000 e 20.000 raízes, o que dá a possibilidade de se formarem muitas dezenas de milhares de outras palavras. O controle das atuais tendências da língua está a cargo da Academia de Esperanto.

Pelos seus valores ideológicos, a língua foi proibida e seus adeptos perseguidos, principalmente nos regimes de Stalin, que a tinha como língua de "cosmopolitas", e de Hitler, que a desprezava como língua de judeus (Zamenhof era judeu).

Usuários:

A parcela mais ativa agrupa-se em torno da *Universala Esperanto-Asocio*, que congrega associações esperantistas nacionais de 62 países e membros individuais espalhados em quase o dobro desse número de países.

As estatísticas do movimento

indicam que o número de pessoas no mundo com algum conhecimento da língua é da ordem de centenas de milhares ou, até, de milhões. Os efetivos falantes estão também no mundo inteiro, com notáveis concentrações em países tão diferentes como China, Japão, Brasil, Iran, Madagascar, Bulgária e Cuba.

Ensino do Esperanto:

Embora seja ensinado em algumas escolas, é mais comum aprender-se o Esperanto como autodidata, ou por correspondência (por carta ou correio eletrônico), ou nos clubes locais de Esperanto. O material didático é encontrado em mais de 100 línguas. Os resultados são inquestionavelmente maiores em relação às línguas nacionais: em algumas semanas já é possível corresponder-se com facilidade e clareza, e, após alguns meses de efetivo estudo e prática, pode-se viajar e estabelecer fluente comunicação com esperantistas de outros países. Um portal para professores de Esperanto, <http://www.esperanto.net>, dá uma idéia geral sobre o ensino nos dias atuais.

Reconhecimento oficial:

O valor do Esperanto, bem como as suas conquistas, tem sido exaltados por respeitáveis organizações mundiais como a ONU, a UNESCO, o UNICEF, o Conselho Europeu, a Organização dos Estados Americanos, entre outras. Muito contribuem para esse reconhecimento os Congressos Universais de Esperanto, em que se constata na prática o efeito positivo do idioma, tanto na aproximação dos homens acima de suas diferenças como na comunicação franca e fá-

cil a que dá ensejo, sem qualquer necessidade de intérpretes e tradutores.

Pesquisa e bibliotecas:

Muitas universidades incluem o Esperanto em cursos de lingüística, enquanto outras o propõem como disciplina independente (Budapeste, Hungria, e Poznan, Polônia).

Segundo a Associação de Línguas Modernas, nos Estados Unidos, a cada ano surgem mais de 300 obras especializadas sobre o Esperanto. A Biblioteca da Associação Britânica de Esperanto registra mais de 20.000 títulos, mencionando-se também a Biblioteca do Museu Internacional de Esperanto, de Viena, que integra a Biblioteca Nacional da Áustria, e a Biblioteca Hodler, da Associação Universal de Esperanto.

Contactos profissionais e interesses específicos:

Multiplicam-se as organizações esperantistas que agrupam os que se dedicam a ramos específicos de atividade, a uma profissão, a uma religião, dando ensejo a rico intercâmbio, à publicação de periódicos, à realização de encontros efetivamente internacionais.

Literatura:

O Esperanto reúne em suas fileiras notáveis escritores, poetas, tradutores, ensaístas, etc., cuja produção tem atingido tão alto nível que, em 1993, a sua tradição literária foi reconhecida pelo PEN Internacional, daí resultando a criação, durante o seu 60º Congresso naquele ano, de uma filiação para o Esperanto.

Outras expressões de cultura:

Boa parte das obras representativas das literaturas nacionais e da literatura universal está vertida em Esperanto, assim como boas obras da literatura original do Esperanto têm sido vertidas para línguas nacionais. Faz-se bom teatro em Esperanto bem como começa-se a produzir em cinema, evidenciando a plena capacidade da língua para a expressão artística, inclusive a musical em seus diversos gêneros.

Mais de 100 periódicos de boa qualidade circulam no seio do mundo esperantista, igualmente expressando os diversos gêneros de jornalismo.

O Esperanto também vive nas transmissões radiofônicas, nos cursos pela televisão, e já se apresenta como uma das línguas mais usadas na Rede de Computadores.

...

Caminhamos, com efeito, para a vida universalista da família planetária, e o Esperanto será inquestionavelmente o único veículo capaz e digno de exprimir as relações, as comunicações entre os membros dessa família e sua nova fase de vida. ■



O Livro Espírita: algumas considerações

(Parte II)

Aécio Pereira Chagas

Na primeira parte deste artigo foi destacada a importância do livro, não só na cultura em geral, mas também para o Espiritismo, e a difusão da Codificação, no Brasil, esteve associada à difusão da imprensa (livros e periódicos). Foi apresentada uma definição de Literatura ou Bibliografia Espírita: *é o conjunto de obras que versam sobre a Doutrina Espírita, ou foram escritas sob sua inspiração ou modelo, ou ainda, que foram incorporadas por lhe serem concordes* (note que há uma diferença da Literatura com a Doutrina). Para facilitar a discussão e os comentários, dois critérios de classificação das obras da Literatura Espírita foram sugeridos. O primeiro: obras mediúnicas e não mediúnicas. O segundo: obras de Kardec, obras complementares, obras de divulgação ou didáticas, romances e poesias e periódicos. Estes grupos foram exemplificados, dando-se destaque às obras: *Parnaso de Além-Túmulo*, *Cristo Espera por Ti* e *O Aveso de um Balzac Contemporâneo*.

Nesta segunda parte iniciaremos falando um pouco dos periódicos. A numeração dos parágrafos segue a da parte I, assim também as referências bibliográficas.

2.5 – Periódicos: São os jornais, as revistas, os boletins etc. destinados aos espíritas e aos não espíritas, divulgando a Doutrina e o Movimento Espírita. Merece ser destacado aqui que o primeiro periódico espírita do Brasil foi o *Echo d'Além-Túmulo*, lançado na Bahia em 1865, por *Luís Olímpio Teles de Menezes*. Este pioneiro parece ter sido também o fundador do primeiro grupo espírita do país. A *Revista Espírita*, que existe até hoje, foi fundada em 1858 por Kardec e os volumes deste período (1858-69) encontram-se totalmente traduzidos para o português (EDICEL e IDE). É interessante que a *Revista Espírita* [24] faz menção ao surgimento do *Echo d'Além-Túmulo*. Há em nosso país duas revistas que, em nossa opinião, consideramos das mais importantes: *Reformador*, editada pela FEB e fundada em 1883 por Augusto Elias da Silva, e *Revista Internacional de Espiritismo*, editada pela Casa Editora O Clarim e fundada em 1925 por Cairbar Schutel.

No Brasil há centenas de jornais e boletins, alguns mais volu-

mosos, outros mais singelos, porém todos divulgando a Doutrina e o Movimento Espírita, inclusive no exterior. Pedimos vênias ao leitor, mas não podemos deixar de citar o *Alavanca*, jornal da USE Intermunicipal de Campinas (SP), pelo fato de fazermos parte de sua equipe editorial.

3 – O sistema “autor-editor-leitor”

Estamos chamando de sistema “autor-editor-leitor” ao conjunto de pessoas, instituições, equipamentos etc., inclusive o próprio livro, que tornam possível o “ato de ler”. Partindo-se do autor, temos os editores, com sua equipe de consultores, revisores, preparadores de texto e outros, temos o pessoal gráfico, depois a distribuição, a venda e, finalmente, o leitor. Vamos obviamente nos restringir à Literatura Espírita. Este sistema é certamente a principal via de divulgação da Doutrina e não podemos nos esquecer que o principal objetivo do Espiritismo é a melhoria moral do ser humano.

Estas considerações são necessárias para mostrar a necessidade de aperfeiçoarmos este sistema. Tarefa que cabe a nós, participantes do mesmo, desde o instante em que

abrimos um livro espírita. Vamos tentar ser mais claros.

A Espiritualidade Maior nos tem indicado o caminho, mas somos nós que devemos percorrê-lo, somos nós que devemos aprender a andar. O livro espírita começa a crescer em nosso país a partir das décadas de vinte e trinta, com a consolidação da indústria editorial em nosso país. Já dissemos que o primeiro livro psicografado pelo Chico, o *Parnaso*, surgiu em 1932. Desde esta época até a década de sessenta, o número de autores espíritas é pequeno, tanto os encarnados como os médiuns que se dedicam a esta tarefa. Poucas também as editoras. Neste período, principalmente através destes poucos médiuns psicógrafos, pode-se dizer, fixou-se “o padrão”, “os marcos de qualidade”, principalmente com relação às obras mediúnicas. Por volta de 1964, houve as famosas *materializações de Uberaba*, divulgadas pela então popular revista *O Cruzeiro*, quando, além dela, o Espiritismo foi falado, visto e comentado em todos os meios de comunicação, despertando a curiosidade das pessoas, como na *época das mesas girantes*. Ouvi dizer que, na ocasião, a Federação Espírita Brasileira não deu conta dos pedidos de livros, tal o interesse despertado [25]. A partir de então começou a crescer o interesse pelo livro espírita, surgindo então, nos diversos pontos do país, autores encarnados e desencarnados, juntamente com médiuns psicógrafos. Atualmente há dezenas de editoras que produzem obras espíritas.

O que se deve ler então?

A questão mostra a necessidade de aperfeiçoar o sistema “autor-editor-leitor”, para que o último

elo da cadeia, o leitor, não se perca na floresta. Perder-se nesta floresta pode ser trágico, pois há muito espírita com a aparência de livro.

Com um vasto mercado à frente, ávido por obras espíritas, muitas pessoas disto se aproveitam escrevendo, editando, distribuindo e vendendo obras de qualidade duvidosa, e o leitor, principalmente o iniciante na doutrina, pode ser ludibriado. Daí a necessidade de se orientar o leitor, tendo em vista seu grau de instrução e suas preferências. A qualidade dos produtos oferecidos, a que nos referimos, não é apenas literária ou gráfica, mas principalmente doutrinária. Há inclusive obras que, no muito podem ser consideradas espiritualistas, mas passam por espíritas.

O mais importante de tudo é a crítica do próprio leitor. Ler e pensar, analisar a obra lida

Uma contribuição importante para o aperfeiçoamento do sistema pode ser dada pelos periódicos, que deveriam dedicar mais espaço às resenhas de livros, analisando, divulgando e sinalizando ao leitor o que há nas prateleiras. Isto tem sido feito, porém ainda é pouco, frente à quantidade de obras. De um lado há críticos que são excessivamente puristas. Se a obra não lhes agrada por razões literárias, possivelmente ela deve agradar a outros, pelas mesmas razões, sendo que o lado doutrinário

é o que mais importa. Por outro lado há os “críticos” que acham que criticar é faltar com a caridade para com o autor. E a caridade para com o leitor? Criticar não é necessariamente julgar. A função da crítica é orientar o leitor. Como exemplo estão as apreciações feitas por Kardec e publicadas na *Revista Espírita*.

Já comprei livros, e gostei, pelo fato de ter lido uma apreciação desfavorável sobre o mesmo. Conhecendo-se os críticos, a avaliação torna-se ainda melhor.

Não se trata de condenar obras, proibir a venda etc. Chega de censura, *nihil obstat, imprimatur, Index*, fogueira de livros etc. Esta época já passou. O comércio de livros deve ser livre (seria por acaso que *livro e liberdade* são palavras com a mesma raiz?), assim também a crítica, para que possamos aprender a usar nosso livre-arbítrio.

No entanto, o mais importante de tudo é a crítica do próprio leitor. Ler e pensar, analisar a obra lida.

Afinal o que um leitor pode observar em um livro espírita? Há várias coisas, pois os aspectos doutrinários e literários acabam se misturando. Eis algumas perguntas que o leitor pode fazer a si próprio, depois de ler um *livro espírita* (é um bom exercício para bem aproveitar o que lemos):

- I. Lembremos da definição de literatura espírita: *Literatura Espírita é o conjunto de obras que versem sobre a Doutrina Espírita, ou foram escritas sob sua inspiração ou modelo, ou ainda, que foram incorporadas por lhe serem concordes*. Você acabou de ler um livro apresen-

tado espírita, agora pergunta-se: o livro pode então ser considerado espírita? Não importa se o livro é ou não (não há porque todo livro ser espírita). O importante é o exercício que fazemos, testando nossos próprios conhecimentos doutrinários. É possível que da primeira vez não tenhamos capacidade de dizer, porém certamente com um pouco mais de estudo acabaremos por ter menos incertezas.

II. No livro há pontos que dão margens a interpretações diversas (ambigüidades)? Se há, ou o livro está mal escrito, ou não compreendemos bem, ou o autor tem segundas intenções etc. Como é a linguagem? Clara, objetiva, obscura, deprimente, pedante, banal...?

III. O que o livro sugere ou o que ele dá como exemplo, em termos de comportamento moral? Vi um livro para crianças, circulando como espírita, que sugeria um comportamento cínico, fingido, perante os pais. Há outros que sugerem um comportamento leviano perante a vida, a morte etc. Isto é um ponto difícil de analisar, pois às vezes o autor quer sugerir algo e o leitor, por razões diversas, vê o contrário. O Espírito Léon Tolstoi comenta que seu grande sucesso *Ana Karenina*, escrito quando ainda encarnado, serviu de exemplo para muitas pessoas verem no suicídio algo romântico e heróico. Apesar de esta não ser sua intenção, isto lhe custou muitos sofrimentos, principalmente no mundo espiritual, e

ele então voltava para nos alertar contra os perigos do suicídio [26]. Acho que o mais importante é o leitor pensar na questão, não se esquecendo que o objetivo principal do Espiritismo é a melhoria moral do ser humano.

O livro, na forma atual, irá ainda permanecer por muito tempo. Os avanços da eletrônica têm tornado cada vez mais fácil e barato fabricar um livro

IV. Há novidades? Aqui devemos considerar não apenas novidades de conteúdo, mas também de forma, de linguagem. Se alguém resume *O Livro dos Espíritos* em uma linguagem bem simples, a obra já é valiosa, apesar de não trazer conteúdo novo. Então, se o livro não traz novidades, qual a razão do mesmo? Se traz novidades de conteúdo, procuremos analisá-las utilizando os critérios que Kardec estabelece para análise das mensagens: universalidade, concordância com o que já está estabelecido, linguagem (novamente). Se traz novidades de forma, vamos também analisá-las.

Nem todos os livros precisam ser obras-primas, satisfazer a todos os critérios de excelência, porém, como dissemos, a análise é bom exercício intelectual (não é apenas o corpo que precisa de exercício).

Certa feita li um livro que me entusiasmou. Era uma obra psicografada. No livro havia a descrição de uma certa região geográfica, uma ilha, dando detalhes como tamanho, área etc. Alguém, sabiamente, olhou em uma enciclopédia sobre a região e os dados da psicografia eram completamente diferentes do que lá constavam. Disse-me: “Se nestas coisas conhecidas não há concordância, como poderei confiar nas novidades?”

4 – O Futuro do Livro

Muitas pessoas dizem hoje que o livro, enquanto suporte físico de idéias, enquanto objeto, vai desaparecer. É possível, mas não creio que isto ocorra brevemente. Da mesma maneira que a invenção de Guttemberg não se firmou da noite para o dia, o livro, na forma atual, irá ainda permanecer por muito tempo. Os avanços da eletrônica têm tornado cada vez mais fácil e barato fabricar um livro.

Mencionamos no início uma mensagem de Guttemberg, vejamos um outro trecho desta mesma mensagem:

Sem desdenhar o grande livro da arquitetura, que é o passado e o seu ensino, agradeçamos a Deus que sabe, nas épocas adequadas, pôr em nosso poder uma arma tão forte, que se torna o pão do Espírito, a emancipação do corpo, o livre-arbítrio do homem, a idéia comum a todos, a ciência, um

a, b, c, que fecunda a terra, tornando-nos melhores. Mas se a imprensa vos emancipou, a eletricidade vos fará livres e destronará a imprensa de Guttemberg, para pôr em vossas mãos um poder de outro modo temível, e isto em breve.

A ciência espírita, salvaguarda da humanidade, vos ajudará a compreender a nova força de que vos falo. Guttemberg, a quem Deus deu missão providencial, sem dúvida fará parte da segunda, isto é da que vos guiará no estudo dos fluidos.

(Guttemberg (Espírito), médium Sr. Leymarie, [27])

Há muito que pensar sobre estas palavras... Lembremos, inclusive, que Guttemberg inventou a imprensa e não o livro. Os tipos móveis, utilizados na época em que a mensagem foi ditada, estão desaparecendo com a editoração eletrônica e os novos processos de impressão. A eletricidade realmente tem revolucionado o livro. Ou seria sobre os meios atuais de comunicação eletrônica que ele estava falando? O fato é que “esta notável dissertação provocou no seio da Sociedade [Espírita de Paris] as reflexões seguintes de um outro espírito” [28] e segue uma mensagem do Espírito Robert de Luzarches. A seguir, no dia 25, várias outras mensagens são recebidas, em continuidade à discussão iniciada no dia 19, e dentre elas, outra de Guttemberg, onde destacamos o trecho:

Talvez tenhais achado em minhas reflexões, um pouco longas sobre a imprensa, alguns

pensamentos que não aprovais completamente; mas refletindo sobre a dificuldade, que experimentamos, ao pormos em relação com os médiuns e utilizar as suas faculdades, tereis a bondade de passar de leve sobre certas expressões ou certas formas de linguagem, que nem sempre dominamos. *Mais tarde a eletricidade fará a sua revolução mediúnica, e com tudo será mudado na maneira de reproduzir o pensamento do Espírito*, não mais encontrareis essas lacunas, por vezes lamentáveis, sobretudo quando as comunicações são lidas diante de estranhos. (*Destiques nossos.*) [29]

5 - Finalizando

Para encerrar, vamos apresentar [abaixo] uma poesia do *Parnaso de*

Além-Túmulo, que, como dissemos no início, diz mais que qualquer prosa [30].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

[24] - *Revista Espírita (Jornal de Estudos Psicológicos)*, Allan Kardec (Ed.), trad. Júlio Abreu Filho, EDICEL, s/ data. Junho de 1869, p.199.

[25] - Nedyr Mendes da Rocha, comunicação pessoal. O Sr. Rocha foi o fotógrafo das referidas materializações de Uberaba.

[26] - Yvonne Pereira; *Sublimação*, Léon Tolstoi e Charles (espíritos), Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1973. Apresentação, p.13.

[27] - idem ref. [24].

[28] - idem ref. [24], p. 120. Observação de Kardec.

[29] - idem ref. [24], p. 122.

[30] - Francisco Cândido Xavier; *Parnaso de Além-Túmulo* (8ª ed.), Ed. FEB, Rio de Janeiro, 1967, p. 378. ■

O Livro

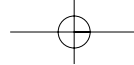
Ei-lo! Facho de amor que, redivivo, assoma
Desde a taba feroz em folhas de granito,
Da Índia misteriosa e dos louros do Egito
Ao fausto senhoril de Cartago e de Roma!

Vaso revelador retendo o excelso aroma
Do pensamento a erguer-se esplêndido e bendito,
O Livro é o coração do tempo no Infinito,
Em que a idéia imortal se renova e retoma.

Companheiro fiel da virtude e da História,
Guia das gerações na vida transitória,
É o nume apostolar que governa o destino;

Com Hermes e Moisés, com Zoroastro e Buda,
Pensa, corrige, ensina, experimenta, estuda,
E brilha com Jesus no Evangelho Divino.

Olavo Bilac
(Espírito)



II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE

— II —

José Carlos da Silva Silveira

Tratamos, em artigo anterior*, do objetivo geral e do eixo temático do II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE. Queremos agora tecer algumas considerações sobre os objetivos específicos desse Encontro.

O primeiro que se destaca é evidenciar as conseqüências do ESDE para o indivíduo, para as Casas Espíritas e para a Sociedade.

O conteúdo de uma ciência, como o Espiritismo, para ser devidamente assimilado, exige um estudo sério e metódico. É o próprio Kardec quem o diz: *Quem deseja tornar-se versado numa ciência tem que a estudar metodicamente, começando pelo princípio e acompanhando o encadeamento e o desenvolvimento das idéias.*¹

O conhecimento do Espiritismo, por sua vez, é fator decisivo de renovação moral, uma vez que desperta no indivíduo o desejo de empreender os melhores esforços com vistas à própria reforma íntima,

condição essencial para a conquista da felicidade. Essa vontade de se renovar interiormente surge, como assinala o Codificador, do novo ponto de vista sob o qual passa a considerar a existência, em virtude dos ensinamentos da revelação espírita. Assim é que a (...) *idéia clara e precisa que se faça da vida futura proporciona inabalável fé no porvir, fé que acarreta enormes conseqüências sobre a moralização dos homens, porque muda completamente o ponto de vista sob o qual encaram eles a vida terrena. Para quem se coloca, pelo pensamento, na vida espiritual, que é indefinida, a vida corpórea se torna simples passagem, breve estada num país ingrato. As vicissitudes, as tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por sabê-las de curta duração, devendo seguir-se-lhes um estado mais ditoso.*²

Por outro lado, o indivíduo que busca mudar para melhor o seu padrão moral exerce salutar influência na sociedade, onde ocupa as mais variadas funções e, em especial, na Casa Espírita, onde passa a ser trabalhador ativo e cômico das suas responsabilidades na difusão e na prática do Espiritismo.

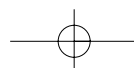
Dessa forma, podemos alinhar

entre as conseqüências do ESDE: o desenvolvimento da fé raciocinada, a busca da reforma íntima e a formação de espíritas esclarecidos, que preservarão a unidade de princípios do Espiritismo, divulgando-os corretamente pela palavra e pelo exemplo, e contribuindo para a Unificação do Movimento Espírita.

Um outro objetivo deste II Encontro é apontar problemas e propor soluções para o bom funcionamento do ESDE.

Diversos são esses problemas, muitos deles provocados pelo distanciamento do objetivo do ESDE, que é, como vimos no artigo supracitado, *estudar o Espiritismo de forma metódica, contínua e séria, com programação fundamentada na Codificação Espírita.* É preciso que não se perca de vista esse objetivo, evitando-se caminhar por rumos não condizentes com o alto significado do ensino espírita. Por outro lado, existem diversas dificuldades, ligadas particularmente à falta de capacitação de coordenadores e monitores, os quais necessitam adquirir ou aperfeiçoar conhecimentos e habilidades que os auxiliem na execução das suas múltiplas e diversificadas atribuições. Pode-se mesmo dizer que, muitas vezes, reside aí, nessa falta de capacitação para a tarefa,

* *Reformador* de abril de 2003, p. 34-35.



a causa de um outro problema, que se levanta como um dos grandes desafios ao trabalho: a evasão dos participantes de grupos de ESDE.

Assim, esses e outros problemas deverão ser analisados, para que se possa encontrar as melhores soluções.

Os demais objetivos específicos são os seguintes: *avaliar a atual situação da Campanha do ESDE; trocar experiências sobre a implantação, a manutenção e o acompanhamento da Campanha do ESDE; propor ações para a dinamização da Campanha do ESDE; comemorar os 20 anos do lançamento da Campanha do ESDE em nível nacional.*

A Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, como se sabe, foi lançada, em 1983, em virtude do interesse demonstrado pelos líderes espíritas no sentido de incentivar o estudo do Espiritis-

mo por meio de cursos regulares, conforme preconizou Allan Kardec no Projeto 1868.

Hoje, passados vinte anos desde lançamento, evidencia-se o crescente entusiasmo, no Brasil e no Exterior, pelo estudo da Doutrina Espírita de forma sistematizada. Por toda parte, são implantados cursos de ESDE e já se evidenciam os excelentes resultados desse esforço coletivo, pela formação de trabalhadores cada vez mais bem preparados para o desempenho das suas responsabilidades no Movimento Espírita.

Não obstante, todo trabalho de longo curso, como é o caso da Campanha em referência, reclama, após certo tempo, um cuidado maior no sentido da verificação dos rumos que vai seguindo, a fim de se corrigirem eventuais desvios. Em assim sendo, procurar-se-á, também, neste Encontro, avaliar como

se vem desenvolvendo esse trabalho em todo o Brasil, com vistas a mantê-lo dinâmico e atual.

Ressalta, dessas breves anotações, a importância dos objetivos do II Encontro Nacional de Coordenadores de ESDE, os quais, uma vez alcançados, contribuirão para a melhoria da qualidade do ensino do Espiritismo, com os inegáveis benefícios daí resultantes para os indivíduos, para os Centros Espíritas e para a Sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

¹ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 83. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Introdução, item VIII, p. 31.

² _____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 119. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. II, item 5, p. 66. ■

XI BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO
15 a 25 de maio de 2003
 Riocentro: Av. Salvador Allende, 6.555 - Rio de Janeiro - RJ

Visite o estande da FEB e confira as novidades

Construamos a Paz, Promovendo o Bem!

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

SEARA ESPÍRITA

Tocantins: Encontro Espírita Estadual

A Federação Espírita do Estado do Tocantins realizou no período de 1º a 4 de março, em Palmas, o XIV Encontro Espírita Estadual, com abordagem do tema central *Espiritismo – Uma proposta de vida*, desenvolvido em vários subtemas pelos expositores Edvaldo Roberto de Oliveira (RJ), Ana Guimarães (RJ) e Umberto Ferreira (GO), o qual representou o Presidente da FEB.

No mesmo período, ocorreu o X Encontro de Mocidades Espíritas do Estado do Tocantins, com o estudo do tema *A vida e sua mensagem*.

Espírito Santo: Congresso Espírita

A Federação Espírita do Estado do Espírito Santo já programou o VI Congresso Espírita, de âmbito estadual, para os dias 3, 4 e 5 de outubro deste ano, com o tema *Vida, desafios e soluções*. Os trabalhos para o evento poderão ser enviados até 30 de junho, observado o regulamento, que será fornecido pela FEEES – telefone (27) 3222-7551, fax 3222-6509 e e-mail feee@feees.org.br

Itália: Centro Espírita de Aosta

O Centro Italiano de Estudos Espíritas Allan Kardec (Via Brocherel, 15, Aosta, 11100, Itália), fundado em 1992, membro-fundador do Conselho Espírita Internacional (CEI), desenvolve inúmeras atividades na divulgação da Doutrina Espírita, dentre as quais: debates, palestras e exposições das obras básicas da Codificação Kardequiana. Suas reuniões são realizadas às sextas-feiras, às 20 horas.

Paraíba: Eventos Espíritas

ENESP 2003 – Encontro Espírita da Paraíba: Realizado pela Federação Espírita Paraibana, no período de 1º a 4 de março, com a presença do Presidente da Federação Espírita Brasileira, Nestor João Masotti, e participação, como expositores, de José Raimundo de Lima, Presidente da FEPB, Severino Celestino e outros.

XXX MIEP – Movimento de Integração do Espírita Paraibano: Ocorreu em Campina Grande, no mesmo período, com abordagem do tema central –

Atualidade de Jesus e Kardec – pelos expositores José Raimundo de Lima (PB), Roberto Lúcio Vieira de Souza (MG), Emerson Barros de Aguiar (RN), Frederico Menezes (PE) e José Francisco de Souza (PB).

Austrália: Casa Espírita Franciscanos

A *Franciscan's Spiritist House* (Casa Espírita Franciscanos), recém-fundada (3 a/1 Railway Pde – Kogarah – 2216 N.S.W. Sydney – Austrália – correio eletrônico spritisthouse@hotmail.com) oferece um amplo programa de divulgação do Espiritismo aos habitantes de Sydney, através do estudo das obras da Codificação Kardequiana. (SEI.)

Porto Seguro (BA): Jornada Espírita

Promovido pelo Centro Espírita Porto da Paz, realiza-se, nos dias 1º a 4 deste mês, a VIII Jornada Espírita de Porto Seguro, no Centro de Cultura, com o tema *Felicidade: O Sentido da Vida*, abordado através de palestras e seminários por Divaldo Pereira Franco, Marcel Mariano, Anete Guimarães e Eduardo Guimarães.

AME-Minas Gerais: Seminário Dias Gloriosos

A Associação Médico-Espírita de Minas Gerais realizou em 29 de março, no Auditório da Reitoria Campus da UFMG, o *Seminário Dias Gloriosos*, com a participação especial de Divaldo Pereira Franco, e desdobramento em quatro subtemas – *Engenharia Genética e Clonagem Humana, Doação de Órgãos e Transplantes, Aborto e Eutanásia e Regressão de Memória e Terapia de Vidas Passadas* –, abordados por especialistas nesses assuntos.

ABRAME: Encontro dos Magistrados Espíritas

A Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas (ABRAME) realiza no período de 1º a 4 deste mês, em Belo Horizonte (MG), o II Encontro Nacional dos Magistrados Espíritas, no Fórum Lafayette, com o tema central *Justiça e Espiritismo – O Espiritismo Iluminando o Direito e a Justiça*, desenvolvido em sete subtemas, através de conferências, palestras e painéis. A conferência inaugural é proferida por José Raul Teixeira.

Promoção

Mês de Maio

Livros de Yvonne A. Pereira
Psicografado pelo Espírito Charles



Faça seu pedido (21) 2589-6020

Construamos a Paz, Promovendo o Bem!



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Coleção

Fonte Viva

Mensagens de esclarecimento, reconforto e orientação enviadas pelo Espírito Emmanuel, psicografadas por Francisco Cândido Xavier



Embalagem Especial



FAÇA O SEU PEDIDO
(21) 2589-6020

Construamos a Paz, Promovendo o Bem!



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA